

LUIZ DELFINO

LGAS E MUSGOS

Vol. I



Livraria, Papelaria, Lytho-Typographia
PIMENTA DE MELLO & C.
Rio de Janeiro

ALGAS E MUSGOS

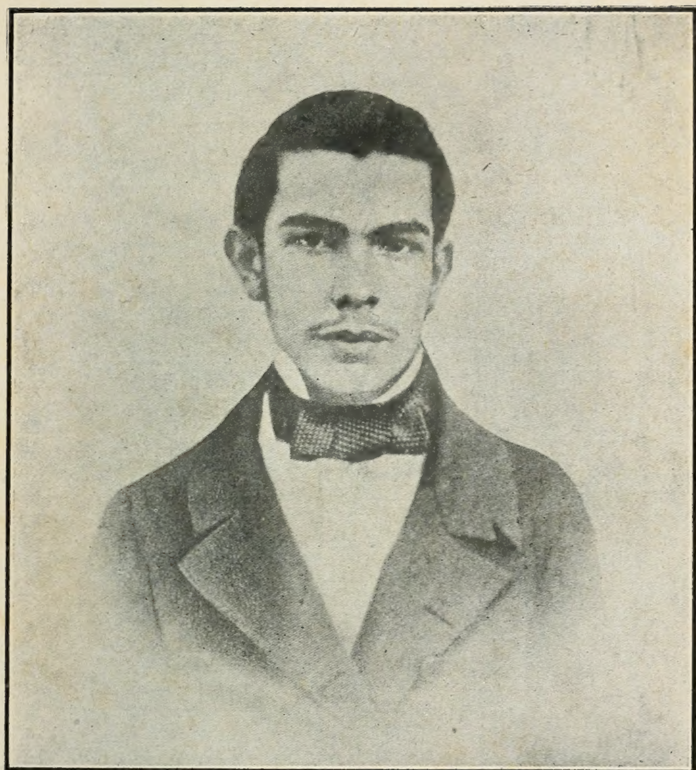
LUIZ DELFINO

ALGAS E MUSGOS

Vol. I



Livraria, Papelaria, Lytho-Typographia
PIMENTA DE MELLO & C.
Rio de Janeiro



Luiz Delfino

Aos desesete annos

ALGAS E MUSGOS



ALGAS E MUSGOS

Não prima esta obra d'ourivezaria
Por leve, caprichosa e delicada,
Como devera ser, como pedia
Pequena téla d'oiro trabalhada...

Nem d'oiro sempre: a lamina talhada
Foi do metal que ás mãos acaso havia,
Logo que me soava uma harmonia
E eu via a phrase em molle dança enleada.

Casando o rhythmo ao fremito das côres,
Vergeis em valle estreito enchi de flôres,
Sob a cupula azul de um céo ardente;

E indo gravar as mais triumphantes gemmas,
Para as pôr dando luz em meus poemas,
Algas e Musgos burilei sómente.

CONCHAS E PEROLAS



HOMBREIRA

Vagas cheirando a brisas das balseiras
Que vêm do oceano, num suspiro apenas,
E trazem conchas d'oiro e de açucenas,
A' flôr da areia, expondo-as em fileiras,

Grutas sôltas de nácar: mais não queiras
Nestes poemas ter; — são vãs phalenas,
Que, para ir illudindo algumas penas,
Ato ás asas da noite, e ahi vão ligeiras.

Verás algumas perolas, se fôres,
Quando as ondas não crespas vão rolando,
Quando da tarde a luz cambiando as côres,

E ora azul e ora verde o mar baixando,
Têm nas escamas tremulos fulgores,
E abrem-se ás praias num bocejo brando...

O PERFUME DE UM HYMNO

Se alguem me vir perennemente moço,
Ou como um deus de Hesiodo ou de Homero,
Alta a cabeça, o olhar radiante e fero,
E' que eu em toda parte a vejo, e a ouço;

Que em vêl-a, e ouvil-a, eu sinto-me um colosso,
Pois tenho nella tudo quanto quero;
Nem temo a inveja a uivar, como um mar grosso,
Dizer que minto, que não sou sincero.

Nella eu vejo a mais nova irmã da Aurora,
Ella em mim o irmão gemeo da Harmonia;
Não precisamos de mais nada agora.

Nossos filhos, o Sonho, o outro a Alegria,
Como eu os amo, a mãe como os adora!
E ambos são para nós a luz do dia...

PYGMALIÃO

Sinto-me todo em ti, tendo-te perto;
Prendes-te a mim num forte e estranho laço;
Vamos: quem acha o paraiso aberto,
Faz, o que fazes tu, faz o que eu faço.

E emquanto o corpo teu oscúlo, e abraço,
Novos soes anda um deus a urdir de certo;
E ouvem-se, a um pollen vasto enchendo o espaço,
Édens florir, cantando, em nú deserto.

E' a ventura triumphal do malho,
Que bate o bloco, e o embebe, e o anima, e a idéa
Lhe põe, mordendo-o todo, a talho e talho:

E é do amor, que o buril fecunda e ateia,
Que entre gritos do marmore em trabalho,
Nasce Venus, ou nasce Galatéa.

TÉLA APAGADA

Tecum vivere amem.
Horacio

Como isto aqui mudou!... Agosto, o anno passado,
Tinha mais sol, mais luz, mais calor, menos frio;
Mas tudo o mais é o mesmo: a agua do mesmo rio,
A ponte de madeira, as mangueiras, ao lado,

Velhas, grandes, em flôr, o lanço esburacado
Do muro, e o lichen nelle, e a avenca, e o luzidio
Lacrau, que salta, e vira, e já volta ao desvio;
O cão ganindo; e a um canto, á esquerda, ao longe, o prado;

Bambús em renque, em meio o caminho, e no espaço,
Longe do morro, ao fundo, a casa; e no terraço
Sobre o jardim, talhando o ar scintillante, a imagem

De um anjo, — um aureo nimbo á coma, o olhar humano
Como jamais pintou Corregio ou Ticiano:
Quem, levando-a, apagou a esplendida paisagem!...



PALLIDA VICTRIX

A fronte cheia de uma dôr sonora
Na mão aberta tristemente pousas,
E a estrella de uma lagrima demora
Sobre um dos cilios... mas chorar não ousas...

Pasmas ás triviaes, pequenas cousas!
Vês manchando de larga sombra agora
A luz do céo, e pelo campo em fora,
Um bando azul de lindas mariposas.

Acaso abres o leque, e lentamente
Olhas sem vêr dois calmos chins á beira
Dum rio argenteo; a rútila corrente

Mette-se em pontes d'oiro, a luz a empoeira...
Que dôr faz pois mais pallido e doente
Teu bello rosto pallido de cêra?

NUM TURBILHÃO DE ESTATUAS

At the mid hour of night, when stars are weeping...
T. Moore — Irish melodies

Quando os formosos marmores de Athenas,
Brancos, como os luares transparentes
Desmanchando seu feixe de açucenas
Na limpidez sonora das correntes,

Murmuram suas doces cantilenas
Pelas suaves curvas esplendentes,
Mas como um sonho, um vago sonho apenas,
Que embala a noite em páramos silentes...

Numa ebriez de luz, turbado e incerto,
Entre o alarido de rosaes desperto,
Via erguer-se, surgir... ficar só tu.

Do turbilhão de estatuas fugidias
Restavam só as formas luzidias
Do teu corpo orgulhosamente nú.



VENUS MARINHA

Quem és tu? — Serás tu o que pareces?
Marmore duro, opaco, e resistente
Marmore vivo, cuja voz tremente
Vem de uns labios, que sempre imploram preces,

Onde começas tu, onde feneces?
Onde pode a ti mesma achar-te a gente?
Bella esphinge terrivel, que mais cresces
Quanto mais desço em ti profundamente.

E's uma imagem sob um véo de bruma:
Tu tens os grandes gestos de rainha,
E não sei de tua alma cousa alguma.

Tortura-me esta grande angustia minha;
Deusa, e pombas, e concha, e mar, e espuma...
Nada mais vejo em ti, Venus marinha...

NUDAQUE VERA

Por que?... Bem vejo o gosto, o esmero, o tino
Com que no escrinio luxuoso fechas,
Ora a nuvem das rútilas madeixas,
Ora do corpo o marmore divino.

Cinzelo, lavro, junto, ato, combino
Phrase e phrase, e engrinaldo-te de endeixas:
Como és formosa assim!... Mas imagino
Abysmos, céos...os céos que vêr não deixas.

Oh! núa!... núa é que te quero!... núa...
Egual á rosa, ao lyrio, á estrella, á lua,
No brilho astral dos monolithos nús!

Em rico estofo um corpo não escondas,
Onde por linhas ideaes, redondas,
Cantam os soes a Iliada da luz.

CARROS QUE SE ENTRECRUZAM

Como serpente enorme, então a natureza
Enroscava-se ao meu espirito abatido:
Assobiava o sul no céo, como um bandido
Em caverna onde ha sombra, ar humido e tristeza.

E emquanto o frio, como um ferro agudo e buido,
Perfurava-me a carne, a mente inquieta e accesa
Arranjava uma alcôva, um fogo, um livro lido
Na intimidade ideal de uma gravura ingleza.

Eis que perto de mim surge, irrompe, fulgura
Como fugida a um quadro, uma branca figura,
Como só Greuze e Holbein as sabiam pintar.

A cabeça gentil punha apenas de fora...
O seu carro voava arrebatando a aurora:
Um furacão de luz levava-a pelo ar...

AD ASTRA

... tu pudica, tu proba
Perambulabis astra sidus aureum

Horacio

Estes anões são vis, são pó: — deixal-os.
Vem tu commigo acima, alma divina;
Era demais, deusa do bem, odial-os;
Tu, a quem só o amor do bem domina,

Vem. — Eu já lanço os rapidos cavallos
Pelo meio da estrada crystallina,
E em cada sol, que ao vêr-me a fronte inclina,
Tens o meu povo d'oiro, e os teus vassallos.

A cada beijo, hemos de ouvir cantando
Os deuses logo, as deusas logo, em bando,
Cada um de nós em rútila curul.

Lá tu serás a minha loura Circe
Dentro em meu collo a rir-se, a rir-se, a rir-se,
Como uma estrella na lagôa azul.



ACCÔRDO

Dizes que te não dê este amor, que é meu gôzo,
E é o abysmo estrellado em cujas bordas piso,
Que vive do clarão sonoro do teu riso,
E da luz que enluára o rosto teu formoso;

Este amor, que vê sempre aberto um paraiso
Em qualquer parte do teu corpo astral e ondeoso,
Que, como o vento ao mar, não me deixa em repouso,
Do qual, para o meu céo ser céo, ter soes, preciso:

Este amor não t'o dou. — Os astros resplendentes,
Um mar preso a outro mar, ilhas e continentes,
O espaço, e o que elle tem, o que é, e o que inda fôi

Deuses, e turbilhões phantasticos... pudera!...
Dera-te tudo, tudo, oh! tudo!... e não te dera
Este amor, este amor, este meu louco amor!...

PAUCA

Oh! triumphar, dar corpo a ideaes mais caros,
Harens possuir, como um Sardanapalo;
Pôr no marmore o gesto e alevantal-o,
Bem como um Pygmalião dando alma ao Paros;

Dormir nos ostros dos triclinios raros;
Prender o mundo á cauda de um cavallo,
Ou, como Orpheu, á lyra d'oiro atal-o,
Que importa? Uns bens tão vãos, eu d'alto encaro-os.

Mesmo, se isto é ventura, e isto preferes,
Num turbilhão de esplendidas mulheres
Ir pela vida inteira arrebatado,

Vive assim, morre assim; eu cá desejo
Ao collo de uma só viver num beijo,
De uma ao collo morrer num beijo, e amado.

A VALSA

Move-se, treme, anceia, empallidece,
Cae, agonisa; acaba-lhe nos braços:
Resfolga, arqueja, torna, reapparece,
Solda-lhe o seio, a bocca, as mãos, os passos...

Gira, volta, circula... Os olhos lassos
Têm langue, molle, vuluptuosa prece:
A fronte branca ao collo delle esquece...
Atam-lhe as carnes invisiveis laços...

Na sala, a um vão, inquieto a vejo... e o vejo!
Soffrer?!... não sei... mas toma-me um desejo,
Ao ver um só nos dois, o grupo enleado...

Rojar-me ao chão, á terra de repente,
E nas voltas daquella valsa ardente
Morrer em baixo de seus pés calcado!

A VIDA E A MORTE

Para que serve a vida? — me disseste:
Tremi, como haste ao vento, assim te ouvindo,
Mas pela sombra do teu rosto lindo
Vi pranteando o tel olhar celeste.

A vida é isto, o beijo, que me déste,
Que a impregnou toda de um olôr infindo:
E a morte, o incendio de um silvado agreste,
Onde ha ninhos e passaros dormindo.

Do ninho em breve os passaros cantando
Surgem d'asas e d'oiro enchendo a esphera,
Brincam flôres ao sol, no valle, em bando.

E a morte diz á vida extincta: — Espera!
E em carro azul irrompe, inda chorando,
O Riso e o Amor puxando a Primavera...

SACRA FAMES

Como um falerno, és tu, rubro e sublime,
Espumaroso e quente, que conserva
A áscua da lava, o verde aroma da herva,
E o ardor, que a terra em fogo, e a arfar, lhe imprime,

Que mal se bebe um gole ou dois, deprime,
Endoida, cansa, ensomnolenta, enerva...
— Quizera vêr, perto de ti, Minerva
Pura sahir do meu divino crime.

E tens talvez no escrinio inda aureo pomo...
Que fome grande eu sinto delle... como
Enche-me todo este desejo, e o quero...

Foi desta angustia e deste amor, creatura,
Que a Grecia viu o genio e a formosura,
Venus na vaga, e ao pé da vaga Homero...

SURGIT STELLA

Chegou? Mas em que concha a deusa veiu?
Que onda azul a deitou na fina areia?
Que branca ondina, que ao luar vagueia,
Disse-lhe adeus do mar num doce enleio?

De molle brisa o perfumado seio
Ella abandona, e delle emfim, se apeia,
Como da concha desce Cytheréa
Contendo as pombas com delgado freio.

Milhões de olhos de luz na sala, — ao vêl-a,
Abrem os candelabros, desatando
Rolos d'oiro subtil, para envolvel-a.

Nos quicios riem as portas recuando;
E deixa um rastro luminoso a estrella,
No ethereo azul da alcôva emfim baixando.

ANGELA - SIRENA

Tinha doze annos; chego; de repente
Enlaça-me com fôrça: vou fugil-a;
Aperta-me inda mais, feroz, tranquilla,
Como uma fera angelica e innocente.

Quasi achei-me sem mim no attrito quente;
E ao vêr-lhe o azul da limpida pupilla
Molhar-se todo de um vapor luzente,
E uma inquieta tristeza emfim cobril-a,

Lento e lento arranquei-me della, e a custo,
E sem que disso idéa exacta forme,
Logo um pouco a tremer, num vago susto,

Como cansada de um trabalho enorme,
Sobre o meu collo reclinando o busto,
A face em fogo, e soluçando, — dorme.

A MULHER

A Guimarães Passos

She was false as water.
Shakespeare — Othello

Amo a mulher, que o ethereo fogo ateia
Em Phidias, Sanzio, Glück e Donatello.
Porque em si tem o filtro, o encanto, o élo,
Que o céo aos seus dois pés prende e encadeia.

Anda-me a vida do seu culto cheia;
E inda na morte em meu sepulcro, anhelo
Venus, filha do mar, como a sereia,
Em Serravezza ou Paros do mais bello.

Não que indo, como aos soes vae a andorinha,
Désse acaso com uma, que seria
A parte d'alma que faltou á minha:

Pôde encontral-a alguem? Não sei: diria,
Achando-a, achar a perola marinha,
Mas, — como toda perola, vazia.



APONTAMENTOS

Quarto azul como o céo; uma janella,
Uma porta; alto, grande, longo, estreito;
Dois espaçosos quadros, mesa, leito,
Pequeno espelho, e a um canto uma aquarella.

Tapete persio, alampada singela,
Divan de um roseo-negro; em meu conceito,
E' quanto basta; e procurar o effeito
Deixando encher-se o mais, tão só com ella.

Para lhe dar um toque ainda, eu ouso
Lembrar que o sol não entre ahi; seria
Perder do luar, que o envolve, o estranho gôzo.

A sombra quente; a luz um pouco fria...
Eu sei, como seu corpo esplendoroso
Melhor se enquadra, e nú melhor radia.

EPITHALAMIO

Deixa lançar-te ao collo o meu halito quente,
Derreter-lhe com o labio em fogo, e em tôrno, a neve
O tempo, que nos dão, é curto, é pouco, é breve,
E' nosso o instante só, e lá vae de repente.

Quem este epithalamio, amor, cantar se atreve?
Como o vento demora e arrasta a asa fremente!
Como é alegre a luz mesmo do sol ao poente!
Como a noite apparece alta, estrellada, leve!...

Depois que minha bocca encontrou tua bocca,
Depois que eu fiquei louco, e tu ficaste louca,
Os grupos de illusões, mandemol-os embora...

Pede cousa melhor ao universo; — e eil-o mudo:
Olha: este ultimo beijo é tudo, é tudo, é tudo!...
Qualquer deus não tem mais, não tem mais outra aurora!

ARIANNA SOBRE A PANTHERA

Vejo-a de um ponto, e vae numa brilhante esphera,
Como num plaustro d'oiro imperatriz romana;
E doutro, reclinada, augusta e soberana
Vôa no dorso nú de terrivel panthera.

Dizem que um fresco achado em Pompéia assim era:
Nereida conduzida ao dorso de uma fera;
De Dannecker tambem a marmorea Arianna
De um monstro faz o seu palanquim de sultana.

És sempre a mesma filha amada do meu sonho,
Ou vás no monstro, que é o olvido, a que me votas,
Ou na estrella do amor, por céos em que te ponho.

Mas eu sou o coral perdido em fundas grotas,
E enche o abysmo em que vivo, immenso, atro, medonho
O marulho de um mar de lagrimas ignotas...

IDYLLIO A' MESA

Lembras-te? O idyllio? Escrevo ao pé de ti, á mesa.
Fallas: suspendo a penna, e respondo-te. — Jura?
Tornas. — Ergo a cabeça, olho, e rio. — A ventura...
Interrompo-te: Está entre nós. — Tem certeza?

Calo-me. Emquanto a renda anda a cantar n'alvura
Da luz: ha drama; ha scena: a sua mão accesa
De estranhos soes corusca, e agarrando (surpresa!)
Prende o luar que ha no linho ao charão da costura.

Pausa. Abrupto: — Ao entrar escrevias: eu vejo
O papel, olha... — Estava ha muito tempo escripto.
Leio o fim de uma linha: O céo tenho em teu beijo...

Isto é meu. Mas por que choras?... Estranho mytho!...
Deuses, para apanhar-lhe as perolas, desejo,
Quero, dae-me, trazei-me o escrinio do infinito...

NUDA PUELLA

Sôltas de leve as roupas, uma e uma
Cahem-lhe: assim a camelia se desfolha;
E quando n'agua o bello corpo molha,
A agua soluça, e o enleia, e geme, e espuma.

Logo que ella no banho, que perfuma,
Como ao luar um cacto, desabrolha,
Envolve-a o céo radiante, e a luz em summa
Põe-lhe o véo d'oiro em cima, e a afaga, e a olha.

Ao sahir, mollemente em ondas frouxas
A' nuca, á espadua, ás nadegas, ás coxas
Vão rolando os cabellos abundantes:

Cobrem-lhe um pouco o rosto, o seio, o flanco...
E eil-a, bem como á sombra um lyrio branco,
No orgulho astral das deusas deslumbrantes!...

APRÈS LE BALLET

Vi. — Um deslumbramento, que irradia,
Fulgura, luz, scintilla, arde, flammeja,
Ora a cachoeira d'oiro fugidia,
Ora a iriante agulha de uma egreja;

Ora um salão luxuoso, em que dardeja
A orchestra doida, a triumphante orgia
Dos sons, emquanto vôa, ala-se, adeja
A turba astral, que a dança enrola e ebría.

E antes quizera uma palavra tua,
Um riso, um gesto, ou num silencio apenas
Vêr-te a andar pela alcôva, a espadua núa,

Aos beijos só das lúridas melenas,
E eu a olhar como haver o sol e a lua
Para encher delles tuas mãos pequenas.

N'ALCÔVA

N'alcôva pequenina e carinhosa
Cabia um leito; o leito era gentil;
E eu fallava com ella, — a descuidosa!
Em nada, o que sei eu? e em cousas mil...

'Stava deitada, e o rosto de perfil
Enterrava-o na fronha côr de rosa,
Numa espuma abundante e deleitosa
De rendas brancas de um lavor subtil.

Era-lhe o olhar inquieto e voluptuoso,
Guardando-o á fronte uma severa prega,
Como num nicho á argola um cão raivoso,

Que uiva, cae, late, investe, e não socega:
Porem o labio tremulo e queixoso,
Vencida e inerme, ao meu desejo a entrega...

POLLEN DE UM BEIJO

Não; eu não sei se lhe furtei um beijo,
Ou se ella a bocca me entregou, emquanto
Vacillava entre a duvida e o desejo.

Vi-lhe nos olhos constellar-se o pranto,
Toldar-lhe o rosto a pallidez do pejo,
Torcer-lhe o corpo um languido quebranto,

E, como Ophelia á margem da corrente,
Cantar, chorar, sorrir, sem voz, sem côr:
Soffre, senhora? — eu disse — então que sente?
E ella me respondeu: — Estranha dôr,

Pela qual o maldigo eternamente,
Porque de um beijo rapido e traidor,
Sinto que em mim gerou-se de repente
Um monstro grande, como o céo e o amor...

MYTHO

Sejas quem fôres, doce creatura,
Numen casto, a quem sigo em azul profundo
Como um diamante que encontrei no mundo,
E que meu canto em céo triumphal pendura,

Taça em que bebo liquida a ventura,
De ti me vem a luz, de que me inundo,
Mar virgem, que de longe olho e circumdo,
Sem lhe tocar na vaga imberbe e pura:

Déste-me, para ir ao imo oceano, o alento,
Perolas mil colhendo ao pensamento,
Para dellas encher-te as mãos ideaes.

Ficarão, sabes, nús todos os mares,
Se um só desses teus limpidos olhares
Disser: — São poucas, vê, quero inda mais...

ALMA VIUVA

És uma alma viuva e perturbada:
Foi-te a paixão um vento de passagem,
Que indo, lançou do céo na tua imagem
Luxos da noite e joias da alvorada.

A flôr de amor, macia e perfumada,
Não foi de oasis, foi de uma miragem;
Anda por ti, como um rumor de aragem
A um rosal, que deu rosas, pendurada.

Teu negro olhar... o teu olhar esconde
Lasciva flauta de dois tubos, onde
Pan tocára, cantando a selva em côro:

Dentro, o desejo, como instavel onda,
Dorme fremendo, quando alguem o sonda,
Como um leão ao sol nas garras d'ouro.

CONTRARIEDADE

Pois sae do banho agora? Então vim cedo.
Crê bem inopinada esta visita!...
Encontral-a com menos uma fita,
Na rosa d'hontem ler-lhe algum segredo...

Julga vossa excellencia infame e tredo...
Mas... vê?... nesse abandono é mais bonita:
Deu-lhe um toque de deusa que tem medo;
E animou-me o terror com que me fita.

Por que de longe aquelle espelho sonda,
E cora, e empallidece, e emfim se enleia,
Buscando uma asa, um raio, em que se esconda?

Como se acaso alguem achasse feia
A perola arrancada, ha pouco, á onda,
Inda molhada, inda atirada á areia!...

BANHO AO LUAR

Foi uma noite á limpida lagôa,
Que para recebel-a se enfeitára:
Não é que o Olympo inda hoje se esborôa,
E delle cae um deus, que lá ficára?

E ao saber que ella iria ao banho, vôa,
E forra o lago, e accende-o, como uma ara;
Azues lá dentro, e os astros arranjára,
E clarões molles, que por selvas côa.

Ella nas margens deixa a roupa: núa,
Como quem entra numa festa lauta,
Lasciva, entre o tinir dos soes, fluctua,

Com um e outro correndo inerme e incauta;
Cae-lhe aos pés Pan, lacera-a a unha da lua,
E ha uns ais pelo céo de sons de flauta...

A VENUS MYSTERIOSA

Onde se perde aquella gente toda?
Agarrados ás suas longas tranças
Andam velhos, arrastam-se creanças,
E a mocidade rola ebriada e douda.

Do céo descem-lhe passaros em boda,
Cantam, mettendo-a em luxuriantes danças:
E mudas, baixas, timidas e mansas
O chão as feras lambem-lhe de roda.

Não ha carne que em nós não chore e grite
Por seu corpo, onde estão sempre em festejo
Boccas de auroras, rubras de appetite.

Venus mais Venus, sem mostrar mais pejo,
Dá-nos a fome, accende-a, e não permitte
Pôr no pó ,que ergue aos pés, fugindo, um beijo...

O ETERNO ENGANO

Quantas vezes passar fremendo apanho
De um ser, que não se vê, a voz ardente,
Como o vento carrega uma semente,
Que ha de florir bem cedo, achando amanho:

Ouve-a tambem teu coração contente;
Corre em teu sangue um murmurio estranho;
Mettes teu corpo em luz do céo num banho;
Tua alma a sombra della ao perto sente

Envolver-te num beijo. — A flôr que cheira,
Pelo perfume é que se denuncia;
Tu colhes, sem mais vêr, logo a primeira;

Era a primeira que no valle abria;
A mais branca, a melhor guarda-a a balseira,
Lyrio egual a ti mesma, e egual ao dia...

TO WISH

Minha tristeza é como a noite funda
Lançada sobre os astros turbulentos,
Com que o céo todo se enche, alastra, inunda
Ao murmurio lubrico dos ventos,

Como sobre esperança moribunda,
O lençol, que se atira aos lazarentos,
Como em muros de velhos monumentos
Do tempo o musgo e a sombra vagabunda.

E essa dôr vaga, amplissima, infinita,
Dentro de mim, fora de mim se agita,
Como um mar sobre trevas recostado.

Que sol erguido pelo espaço infindo
Dera-me a luz... a luz de um rosto lindo...
Melhor do que isso, a luz de um rosto amado?...

LATÔNA

A mãe tem medo: ouve-se distante
O perlar argentino da voz sua;
E olho da sala vagamente a rua,
Emquanto a sinto longe alegre e errante.

Manda-me os filhos um a um adeante:
Depois vem ella: vôa? anda? fluctua?
Não sei. — Vem bella, pallida, radiante,
Como depois que a noite se accentua,

E o oiro o céo vermicula em vasta zona,
Que o azul em tons mais languidos desmaia...
E no meio da luz, que ri, Latôna

Frisa o monte, inflammando o mar e a praia...
Assim vem ella, assim vem a Madôna,
Bem como a lua entre as estrellas raia...

PELA TARDE

... quœdam flere voluptas...
Ovidio

Num assento de marmore, que doura
O tempo, e o sol, que vae passando, olhal-a
É vêr a tarde triste e scismadora
Deante de um verde, que fluctua e a embala.

Velho raio de luz desce a animal-a:
É a brancura numa sombra loura,
Como num quadro, cujo fundo fôra
Pensado adrede por quem quer pintal-a.

Arfa o silencio no seu rosto lindo,
Emquanto os olhos seus pairam pregados
No azul, mais forte sempre, o céo tingindo.

E ao barulho dos leques espalmados,
Vê, sem vêr, os pavões, que vão subindo
Dois a dois, beira a beira dos telhados...



O MADRIGAL DAS ROSAS

Quando em grupo, enlaçada, e de joelhos
A chusma triumphal das rosas toma
Ares de quem á luz quer dar conselhos,
Num barulho sem fim de côr e aroma

Salta sobre os minusculos artelhos,
E com a fronte a arder da accesa coma,
Cobrindo rostos bons, gentis, vermelhos,
Dos varandins pela esmeralda assoma:

Dizem todas ao sol com dôr, com pejo,
Num madrigal, que o amor dellas resume,
Que elle lhes leva a vida e o olôr num beijo;

Meio a rir, meio em iras de ciume,
Responde o sol, golpeado de um desejo:
— Dou-lhes o beijo, e negam-me o perfume?...

NO LEITO

Como estatua de marmore, na cama
Feita de linho, e sobre o nevoeiro
De rendas, em que rola o travesseiro,
Que luar doce o corpo teu derrama.

Azula-o brandamente etherea chamma,
Molha-o a luz do teu olhar fagueiro;
E o sol, nos teus dois soes prisioneiro,
Embalde ir para o céo forceja e clama.

Deixa-o ir. — Fica tu serena e casta
No calor desta alcôva pequenina,
Que a immensa curva azul talvez mais vasta.

Deixa-me após na luz que me fascina,
Deste céo em que estás, e que me basta,
Cahir morto aos teus pés, mulher divina.

UMA PRINCEZA ANTIGA

Tem a grandeza antiga e peregrina
Das mulheres da Biblia, e da Odysséa:
Anda, falla, apparece... e se imagina
Ou Pallas ou Judith ou Diana ou Rhéa.

Mas quando ao campo os passos seus destina,
Sua estatura avulta: — então é Dea:
Jóve, para a espiar da azul cortina,
Deixa os deuses no Olympo em assembléa.

Juno descora... E ella no cercado,
Numa das mãos erguendo os seus vestidos,
Com outra lança ás aves pão cortado,

E vê de longe, entre os capins crescidos,
O velho boi de Homero, um boi malhado,
De passo tardo e chifres retorcidos.

OUVINDO-A

Tu movendo a cabeça, a bocca, o braço,
Como a vidente de um antigo rito,
Dizes que mundos luminosos faço...
E então nos olhos teus meus olhos fito.

Do pasmo, com que em ti me prendo e enlaço,
Zombas com gesto ironico, exquisito,
E sinto que por ti me foge o espaço,
E rolam soes, e cava-se o infinito.

E emquanto arranjas essa melopéa,
Enfiando uma idéa noutra idéa,
Emquanto esses castellos d'oiro arrumas,

Eu voi boiando em tua voz sonora,
Como nau, panno ao vento, azues em fora,
Entre as flôres de prata das espumas.

SICUT SERPENS

Tens da virgem christã a graça e o pejo,
Que de um certo desgarre não te exime:
E uma tristeza de mulher sublime,
Junto á lascivia dum brutal desejo.

És bella... e pura, creio-te, se vejo
Teu rosto aonde a pallidez se imprime;
E o teu corpo, que dobra, como um vime,
Que dobra mesmo ao halito de um beijo...

És pura, se te vejo de repente,
Se não me vem de subito a lembrança
Da luz dos olhos teus molhada e quente,

Que como serpe, sae do ninho, e avança,
E em roscas d'oiro luminoso — a gente
Enrola no teu corpo de creança.

NATUREZA INTERROGADA

Rosas, jasmins, bons dias; açucenas,
Festas e soes; rir, minhas feiticeiras!
Rolae, brincae, voejae... mas vêde... asneiras
Em cima dellas, não, gentis phalenas.

Alegres todas, rancho de pequenas!...
Margaridas, corymbos das balseiras,
Grotaes do bosque, relva das clareiras,
Luz perfumada das manhãs serenas,

Sombra doce do tremulo arvoredo,
Rio a cantar ás costas do fraguedo,
Veiga e céo, ninhos, passaros, rosaes...

Rosaes, passaros, ninhos, céos e veiga,
Sêde-me bons, fallae: quando ella chega,
Que faz ella? que diz?... que diz? que faz?

PERDÃO AOS DEUSES

Castas brancuras virginaes que cria
A terra, e que a mulher, o lyrio e a rosa
Têm em si, são a sombra gloriosa
Do clarão que é teu peplo, e em ti radia...

Se a luz coalhasse, como tu seria
Quente, rija, brilhante e setinosa:
Se de um bloco de luz branca e cheirosa
Deus te não fez... então não te fazia.

Perdôo a esse, e aos mais, o esquecimento
De terem feito um céo sem pensamento...
Se algum respeito mesmo inda revelo

E' que o ultimo golpe de martello,
Que tinha de acabar o firmamento,
Pôde só acabar teu rosto bello.

AMAZÔNA

Oh! Era uma amazôna verdadeira,
Quando montava o seu gentil cavallo:
Vinha-lhe em luz ao rosto o fundo abalo,
Que ia beber na rapida carreira!

Chapéo preto emplumado; a cabelleira
Lá dentro, como um sol dentro de um vallo:
Um chicotinho só para guial-o...
Antes raio de luz na mão faceira.

Buscava ao longe as veigas mais secretas:
Accordava ao galope a gruta rouca,
Olhavam-na as estrellas inquietas...

E ella voava assim como uma louca,
Dentro dos olhos carregando as settas,
Levando o arco atravessado á bocca.

UM CINZELADOR

Ha, gentil creatura, um poeta que cinzela
A phrase como um velho ourives florentino,
Que torce o oiro, e mistura a prata, e que martella,
De um golpe, o vaso iriante, adamascado e fino.

Eu queria-lhe o genio; amara-lhe o destino;
Lavrára com caricia a estrophe, e punha nella
Asas, soes, muito aroma, o alarido de um hymno,
E o azul... todo esse azul que o infinito apainella.

Para o rico ideal tenho a materia prima:
Obedece-me a luz, domestiquei a rima,
Guardo a musica presa aos metros rugidores.

Neste trabalho a mão pode bem ser que trema...
Mas se tu queres, se desejas um diadema,
Vaes ter em mim já um desses cinzeladores .

GRUPPO

A Manuel de Mello

Figura graciosa e encantadora
De uma creança no caulim talhada,
Vêdes nos braços de gentil senhora
Alli no banco do jardim sentada.

Como a cabeça é grande comparada
Com todo o corpo!... e que cabello a doura!
Rasga-lhe a fronte crystallina estrada,
Onde brinca em nudez a manhã loura.

Na attitude, da mãe e na do filho
Desce do sol, que vae morrendo, um brilho,
Que enche de um riso timido o vergel.

Parece o gruppo esplendido e tranquillo
Feito de uma das Virgens de Murillo,
Tendo ao collo um Jesus de Raphael.

OPHELIA

É duma pallidez que deslumbra e fascina:
Tem nos olhos clarões da chamma que arde, emquanto
Rue, no occidente acceso, a ultima Alhambra em ruina:
Se canta, os rouxinoes calam-se ao ouvir seu canto.

Sae do centro de um lyrio; anda á roda, á surdina,
De olôr suave embalando-a; arrasta, impondo espanto,
Trapos de luz nos pés, restos de soes no pranto;
E o céo é um vasto nimbo azul, que ella illumina.

Enlouqueceu? Que ser estranho a leva e a enleia?
Não é mais leve n'agua e mais bella a sereia.
Quem é? Quem vae como ella em tão longo noivado?

Ophelia, és tu, ideal do amor, que eternamente,
Sôlto o auroral cabello, e ás hervas enrolado,
Vemos fugir, cantando, á fio da corrente.

O MELHOR CANTINHO

Boiava como em ondas de perfume,
Movendo os braços nús e os pés pequenos;
E a voz subtil de perfidos venenos
Vinha do quadro, que envolvia o nume.

No grande leito a alcôva se resume,
E era a concha em que andava aquella Venus:
As sêdas por alli cantavam threnos
Tão meigos como o arrulo de um queixume.

O tremulo fulgir do branco linho,
A renda que alfaiava o travesseiro,
O cortinado um pouco em desalinho;

A cama, o espelho amplissimo fronteiro...
E ella dentro, tornava aquelle ninho
O cantinho melhor do mundo inteiro...

VENUS E MADÔNA

Tens no teu corpo o azul, que esta hora explica,
Na brancura, que o artista ama e imagina,
Quando aos lyriaes quinze annos da menina
Na mulher, que ella encerra, os soes salpica.

E's a Virgem que Sanzio santifica,
— Ao collo o filho, — esplendida e divina,
Cheia de graça, de modestia rica,
Mas copia fiel da amante, a Fornarina.

A luz, que a estrella mescla á noite escura
E' como a luz da humana felicidade;
E' na sombra que canta a luz mais pura.

E tu tens o que a vida ideal procura,
Tens da Madôna a eterna castidade,
Tens da Venus a eterna formosura.

ENTRE A CALMA E A TEMPESTADE

Por que me déstes olhos, para vêl-a,
E me déstes ouvidos, para ouvil-a,
Deuses, se junto a mim não posso têl-a
Se não posso de longe emfim seguil-a?

Sem ella a vida fôra-me tranquilla,
Mas em meu céo lançada aquella estrella,
Que tão meiga e suave em mim scintilla,
Não pude mais, não quiz d'então perdel-a.

Acho melhor a inquietação que sinto
Dentro de mim, que meu socego extincto;
Faz-me bem, ha delicia inda em tal dôr;

Soffrer por ella a todo instante, é gôzo;
Prefiro a lucta a intermino repouso,
Prefiro á eterna paz o eterno amor.

A VIRGEM

La verginella è simile alla rosa.
Ariosto

E' toda virgem lyrio branco, ou rosa,
Que entre espinhos nasceu, e anda guardada,
Que é vestida de fulva luz radiosa,
Da terra, e céo, e sol enamorada;

E um nicho de perfume habita, e agrada
Como flôr; mas abelha sequiosa
Teima com o insecto e a douda passarada
A vêr quem mimos seus primeiro goza.

Se conserva innocente e intacto o seio,
E' sempre bella: é bella emquanto é pura;
Mas se alguem arrancal-a ao encanto veiu,

Desmaia logo a sua formosura,
E o amor, que tanto a ebriou, e lhe era enleio,
O amor noutros vergeis amor procura.

CARLOTA

Desatas o corpete, e abres o seio,
Como a cecêm a virginal corolla,
Depois o teu olhar, cantando, rola,
Dando as voltas sublimes de um gorgeio,

Num ritornello, num suave enleio,
Que em doidas festas teu filhinho enrola,
E caes num largo e fundo devaneio,
Que te unindo a elle só, do mais te isola.

Como ao vento, que passa, a luz de um cirio,
Vendo o teu rosto, que um luar desbota,
Teus peitos brancos, como o cacto ou o lyrio,

Treme minha alma de emoção ignota,
E então comprehendo Werther em delirio
Ante a imagem serena de Carlota...

O ANJO DA FE'

Primeiro hão de correr
Pera traz rios e mar,
Nas cousas discordia haver,
Que a mim me fallecer
Desejo de inda a gozār.

Bernardim Ribeiro — Eglogas

Sonho de amor, estrella peregrina
Por céos onde se azula a primavera,
Rosa ideal de um éden, que imagina
Quem se refoge na mais alta esphera,

Sombra de luz que me segreda: Espera.
Mão que atravessa abysmos, e se inclina,
Trazendo a transbordar cheia a cratera
De uma bebida calida e divina;

Cimos que busco, cimos, que não vejo,
Eu para vós adejo... adejo... adejo...
Sois tão longe, eu bem sei; tão longe! embora:

O Anjo da Fé murmura-me: Caminha...
E eu digo: — Vem, ó tu, que has de ser minha:
Por que tardas assim? — Que te demora?...



LA POVERINA

Vi num quadro, talvez copia de Tintoretto,
Uma gentil fanciulla, errante e poverina,
Que eu guardára na gloria em fogo de um soneto,
Como num aureo escrinio a perola mais fina.

Como o fundo, em que estava, era estranha ruina;
Magra, entretanto forte, um marmore perfeito,
E accesa de clarões, como um diamante preto,
Tempestúa-lhe á espadua a grenha leonina.

A dôr fulva do luar toda a pintura exhala.
Nero no Coliseu, nas Thermas Caracalla,
Crê-se que inda lá dentro em longa orgia estão.

Roma arranjando a ossada ás purpuras da lua,
Olha, sem levantar-se, a bella deusa núa,
E o templo e o altar da deusa em pedras pelo chão...

A GOTTA D'AGUA

Não ha pedra que a agua não consuma;
Sem ferir-se, a agua fere a pedra dura;
Quer tempo: e gotta e gotta, uma após uma,
A beija, a encanta, a enlaça, a envolve, a fura.

Caminha mais: rendilha-se de espuma;
E emquanto existe rocha, e a gotta dura,
A agua trabalha, até que emfim murmúra,
Sem ter, sob os seus pés, mais rocha alguma.

Fez della um berço, em que annos mil porfia,
Agora ao sol, agora á luz da lua,
Para urdir nesse berço a penedia!...

Hoje nelle espreguiça-se e fluctua;
E ri de um fauno astuto e vil, que espia
Náiade ao collo seu dormida e núa...

SONHAR !

t'was like a sweet dream...

T. Moore — Lalla Rookh

Sonho ás vezes... levando-a desta fria
Estancia a um paço em zonas levantinas,
Num lago, em cujas margens haveria
Cactos, rotins, bambús e casuarinas,

Onde em junco pintado de harmonia
Com o céo, e o verde d'agua, e a côr das finas
Porcellanas, que o sol inflamma, iria
Ella beirando a fimbria das collinas.

Das grandes aves do Oriente as pennas
D'oiro e esmeraldas, prasios e turquezas
Dar-lhe-iam sombra ao lacteo rosto apenas.

E em honra á flôr mais branca das devezas,
Lhe entornaria a noite nas melenas
O escrinio azul das perolas accesas.



NUVEM

Creança de olhar limpido e tranquillo,
Esculpturada, como lavro as odes,
Quando de espaço e olympico as burilo,
Cheias de canto e luz, como os pagodes:

Tu só entendes, tu sómente podes,
Lendo, ouvir o que em si tem de sigillo:
E o oiro dellas, — e é só o escrinio abril-o,
Como aos astros nos céos faz Deus, sacodes .

Ouves ondear na estrophe o teu perfume;
Vês o universo, que uma voz resume;
Ha loireiros nuns sons, ha soes, e mais...

E não têm conta as perolas que arranca
Teu dedo á espuma, que as envolve, ó branca...
Branca nuvem de uns brancos ideaes!...

MULHER TRISTE

Quando ella passa como um sol ou lua,
Rasgando o fundo azul ao firmamento,
Sinto em tôrno de mim o irradiamento
De alguma cousa leve que fluctua...

Um leve estremecer de carne núa...
Um ruido de vida somnolento...
Um barulho de rosas... e o contento
Dos lyrios brancos pela espadua sua.

E o ambiente de aroma em que ella nada!?
E a nesga azul na palpebra pousada
A espremer-lhe no olhar clarões de aurora!?

Mas tudo, tudo, immerso em funda magua...
Parece, como a estrella dentro d'agua,
Que é dentro de uma lagrima que mora...

A MÃE

Tinha uma graça infinda... uma estranheza
Na côr do rosto fina e desmaiada;
Um toque d'oiro na immortal belleza...
E a noite, emfim, dos olhos estrellada!

Uma gorda creança pendurada
A' mamma chupa em langue morbideza,
E, entre a opala e o rubor de aurora accesa,
Sae-lhe o bico da bocca entrecerrada.

Uma das mãos já tumida e vermelha
Suspende e abraça o filho; a outra semelha
Na brancura, que um leve azul tempéra,

Obra d'arte, que um chim pintasse em louça,
Emquanto dentro, — em cada olhar da moça, —
Nada em luz, canta e ri uma Chimera.

FAREWELL

E' noite. — Pela curva azul celeste
Fervem astros no enorme firmamento:
Coração, alma, e sangue, e pensamento
O pelago do céo profundo investe.

Ó soes, quem essas chlamydes vos veste?
Ó nebulosas, quem vos roja ao vento?
Ó abysmo pesado e somnolento,
Quem te abriu? ou tu mesmo te fizeste?...

Ilhas d'oiro, serenas, luzidias,
Que alvo procura o vosso eterno adejo?
Para quem são as vossas harmonias?

Sois bellas... sois... Mas até logo... Vejo
Que falta ás vossas musicas sombrias
O murmurio do seu casto beijo.

DE MENINA A MOÇA

Que é isso então? Que incognita tristeza
A um estranho prazer se lhe mistura?
Revolve em tôrno, dentro em si procura
De um tal enigma ter qualquer certeza.

Tem-n'a em seus fios novo encanto presa;
Doce, como a serpente da escriptura,
Embala-a o amor na voz da formosura,
Luxuosa chega e o affirma a natureza.

Andava alegre e andava atormentada,
Vendo num largo céo azul, que abria,
A alva, que ahi vem, e deuses de emboscada....

Calhandra perto lhe apontava o dia,
E já manhã, mas inda em nevoa enleada,
Tudo nella cantava e tudo ria...

IGNOTA DEA

Pelo azul

Se houver na terra quem entenda este meu canto,
Um anjo, um Eloá, espirito de luz,
Que escadas de setim faz de escadas de pranto,
E muda em raios d'oiro os cravos duma cruz;

E acolhe um aleijão da sorte sem espanto,
Sem asco, sem terror, com seus dois braços nús,
Que estenda sobre mim as dobras do seu manto,
Que me leve comsigo onde o céo o conduz;

Comsigo se quizer levar-me ao paraiso,
Basta só que me acolha á sombra do seu riso
E abra, e arqueie, e me estenda um cantinho da mão:

E fazendo baixar até mim sua imagem,
Murmure entre afflicção e esperança: — Coragem,
Sempre algum coração quer outro coração...

A'S PORTAS D'ALHAMBRA

A tristeza, que os olhos teus inunda,
Sobe-te d'alma, á espessa treva presa:
E tudo que ella encerra, e nella abunda,
Se esconde nessa nuvem de tristeza.

Vejo-te assim, phantastica princeza,
Mendiga á noite, pallida, errabunda,
Como a miseria lugubre e profunda,
A's portas duma Alhambra em festa accesa.

Nasceste gemea com a Aurora, e és filha
Da luz; e a luz do céo em ti rebrilha:
Fez-te rainha a formosura, ó flôr.

Porem teu pobre coração vazio
Faz-te morrer de fome, e sêde, e frio
A's portas d'oiro dessa Alhambra, o Amor.

CADAVER DE VIRGEM

Estava no caixão como num leito,
Pallidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de setim vestida,
O torso duro, rigido, direito,
A face calma, languida, abatida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Niveo lyrio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas como noiva que cansou da festa...

Por seis cavallos brancos arrancada,
Onde vaes tu dormir a longa sesta
Na molle cama em que te vi deitada?

A ETERNA VENUS

Quando, nos ricos pantheons, procuras
Marmores vivos de mulher, ao vêl-os,
Não sentes inda o susto de perdel-os,
Oh! magua! nas catastrophes futuras?

O que Athenas legou de ideaes modelos,
Typo de raça, em grandes formosuras,
Quando nos dava as suas creaturas,
Envoltas só no véo dos seus cabellos!...

O genio grego limpido e quieto,
Como o céo e o seu mar, guarda no menos
Trabalhado pedaço o mais completo

Que a arte tem em pentelicos serenos;
E a flôr nos deu das filhas de Japéto,
Perfeita, eterna, e immaculada em Venus...

TRAQUINAS

Com vestido de branca musselina,
A farta trança negra derreada,
Sem uma joia, ou brinco, ou flôr, sem nada.
Era de uma riqueza peregrina.

Tinha a edade da aurora essa menina,
Magra e forte, serena e descuidada;
Cada pé numa concha nacarada...
Crêras, ao vêl-a debil e franzina.

Na fronte riam desmaiadas côres;
Dava de um anjo a timida lembrança...
Das asas della ouviam-se rumores.

Como uma borboleta que não cansa,
Tornava a casa num vergel de flôres...
Lembrava ainda a virginal creança.

SUNT ANIMÆ RERUM

Estrellas, que loucura e garridice
As vossas danças esta noite tem?!...
E quem, ha muito tempo, se não risse,
Vendo-vos rir, deitára a rir tambem.

Arroios desgrenhados de doudice,
Por entre seixos, que buscaes alem?
Beijam-se os velhos troncos!... E ha quem visse
Fremendo um lyrio ao pé de uma cecem!...

A noite é um ninho; o amor uma doçura;
E quando a brisa pelo azul murmúra,
Soluça o bosque... e ha beijos pelo val!...

Deuses e deusas turbulentamente
Passam a rir no laranjal florente...
Ou chora... ouvis?... ou chora o laranjal?...

QUE VOS DARIA ?...

Se tiverdes, um dia, um capricho, Senhora,
Um capricho, um delirio, uma vontade, emfim,
Não exijaes o carro azul, que monta a aurora,
Nem da estrella da tarde o plaustro de marfim.

Nem o mar, que murmúra e ahi vae por mar em fora,
Nem o céo doutros céos, élo de céos sem fim;
Que se isto fôsse meu, já vosso ha muito fôra,
Fôra vosso o que é grande e anda em tôrno de mim...

Mostrasseis num só gesto ingenuo um só desejo...
O universo, que vejo, e os outros, que não vejo,
Soffreriam por vós vosso ultimo desdem.

Que farieis dos soes, grãos vis de areias d'ouro?
Mulher, pede-me um beijo e verás o thesouro
Que um beijo encerra e o amor que um coração contem.

QUAND MÈME

Minha alma anda a voar pelo ambiente
Com o adejo sem fim da mariposa,
Que a flôr do paraiso em tôrno sente,
Mas roubar um aroma á flôr não ousa.

Ella quer... quer, anceia, e não repousa,
Sem saber uma vez, uma sómente,
Que tu entendes seu amor ardente,
E que delle te orgulhas qualquer cousa.

Podem outros, que não te entendem tanto,
Julgar que não mereces o meu canto,
Que é demais vêr-te sol doirando azues,

Que é meu amor o equivoco de um'hora:
Que importa? Eu vejo em ti meu céo, embora
Creiam-te o lume errante dos paúes...

ILLUMINAÇÃO INTERIOR

Fitas d'oiro bordando o morro e a encosta!...
Veio argenteo que a cinge, e ondula e bolha!...
Igneas rosas que o céo sobre elle esfolha!...
E ante isso a alcôva, a um claro-escuro exposta.

Tens medo? O amor d'este silencio gosta...
Que suor frio a tua fronte molha!...
Encosta a bocca á minha bocca, encosta...
Oh! que o beijo murmúre apenas, olha...

Baixo, caricias; ouvem-nos fazel-as:
Põe o dedo de rosa ao labio, aurora;
Deuses e soes, passae, passae, sem vêl-as.

Luz, fica á porta, espera-nos lá fora:
Rolae ao fundo de minh'alma, estrellas,
Onde ella está, onde a festejo agora.

ESCRINIO

Eu imagino perolas perfeitas,
Que inda dormem nos mares do Oriente,
E diamantes de esplendidas facêtas
A rir nos seios do Brasil ardente.

Velludo cróceo, deslumbrante, quente,
Cheio d'alma odorosa das violetas;
Ouro, pyrópo, e as rutilas palhetas
De artista raro, grande, omnipotente...

Cinzel de Phidias, tinta de Murillo
Para uma joia lucida e sonora,
Para um escrinio de divino estylo,

Onde a guardasse, onde, entre pasmo e assombro,
Ninguem a visse um dia pôr de fora
A asa que eu lhe conheço em cada hombro.

VIA SMARRITA

Che la diritta via era smarrita.
Dante — Inferno

Ella vendo-se só commigo, teve medo.
Estavamos num bosque á noite: o escuro intenso,
Apesar do luar bellissimo, o arvoredo
Lançava em tôrno, — um muro em ruinas suspenso.

Na relva aberta, aos pés, havia o olho de um tredo,
Um carreiro assassino, a illudir-nos propenso:
Atraz da serra o sol cahira então mais cedo;
Ao meu lado tremia a folha, ou ella, eu penso.

Vinham tres ebrios dando urros, enchendo o espaço
De gritos; os perfis de quem foge á procella,
Que ruma; uma mulher bufando de cansaço.

O vento uivando: — ao longe, ao menos á janella
Da casa, a luz a rir? não ria: e ella ao meu braço
A ter terror de mim!... e eu a ter terror della...



O MAL DA VIDA

Amor, pois, é a esplendida loucura,
E a miseria de um sol que nos invade?
Cahiu alguem aos pés da formosura
Que lhe não deixe aos pés razão, vontade?

Este delirio vem da eternidade,
Vem de mais longe, eu sei: — quem o procura
Acha-o mais velho do que Deus: quem ha-de
Fugir do mal da vida por ventura?

E o amor é o mal que acaba em paraiso;
E para dar-nos céos num só lampejo
Basta-lhe um pouco, um nada é-lhe preciso:

De sonhos d'oiro e luz calça o desejo:
E então, de dia, em rosa abre o seu riso,
E em ampla estrella, á noite, abre o seu beijo...

TRIUMPHO

Deixo as torcidas, horridas carrancas
Da inveja e do odio, — um vesgo, outra impotente,—
E encontro ao vêr-te (ó deuses bons!) em frente
Abertos, como largas asas brancas,

Teu santo olhar, o teu sorrir clemente:
A' sombra delles que alegria franca!
E á mão, como ave timida e fremente,
Meu pobre coração á dôr arrancas.

Bebo o céo com seus soes em ti num beijo;
Eu acho em ti o que amo e o que desejo;
Tu achas tudo quanto em mim esperas...

E em minha audacia, em meu orgulho dantes,
Após meus grandes sonhos triumphantes,
Marcho ao hymno das rútilas chimeras.

A INVESTIDURA

Quando o grupo invencivel dos gigantes,
Ao som da lyra harmonica tangida
Movendo os rubros, triumphaes descantes,
Parou na minha incognita guarida,

E a purpura d'estrellas guarnecida,
E laços d'oiro, e rendas deslumbrantes,
Me fez vestir... tremi e a minha vida,
Não maior, não mais calma a vi, que dantes.

Então roncaram por meus pés as settas;
E ouvindo urrar aos hymnos de victoria
A plebe vil das ambições inquietas,

Eu sopesava as paginas da historia,
Rijas, de bronze, e lendo a vida aos poetas,
Ia-os seguindo á apotheose e á gloria.

IN FIDE

O lindo barco da gentil rainha,
De estrellas a granel colmado e ufano,
As sonorosas vagas do oceano
Com prôa d'oiro retalhando vinha,

E, como um lyrio, á flôr d'agua marinha
Abria as vastas petalas de panno:
De Nereidas azues um grupo insano
Em tôrno delle canta e redemoinha.

Como em téla de artista, a recortada
Montanha, envolta em luz do sol mais puro,
Enchia o fundo, tumida, aprumada.

E eu a esperava em terra... e tão seguro!...
Ai! e ainda te espero (e em vão!) amada
Rainha, ó Gloria, ó Ancia do futuro...

EM PLENO AZUL

Vôa, meu galeão phantastico; galeras
Companheiras, abri as deslumbrantes velas;
Rumo ao paiz azul e ideal das chimeras,
Temporaes, vêde-os ir; vêde-os ir, ó procellas.

Praias de jalde, e d'oiro, e nácar tendes bellas
Ilhas, que vejo ao longe!... E eu quero-vos deveras:
Aproaremos a uma onde as doidas querelas
Rujam dos Immortaes, repartindo as espheras.

Deixo-te, terra, velha eivada de pezares,
Que a invisivel bordão já tremula se arrima;
Alga podre do céo, morta estrella dos ares;

Destrôço vão de um mundo, o teu fim se approxima:
Nutriste vermes só aos seios seculares...
Foge, meu galeão; acima, acima, acima...

GRAVURAS



PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

A Victor Meirelles

Céo transparente, azul, profundo, luminoso;
Montanhas longe, em cima, á esquerda, empoeiradas
De luz humida e branca; o oceano magestoso
A' direita, em miniatura; as vagas aniladas

Coalham naus de Cabral; mexem-se inda ancoradas;
A praia encurva o collo ardente e gracioso:
Fulge a concha na areia a scintillar; grupadas
As piteiras em flôr dão ao quadro um repouso.

Serpeja a liana a rir; a matta se condensa,
Cae no meio da téla: um povo estranho a eriça;
Sobre o altar tosco pau ergue-se em cruz immensa.

Da armada a gente ajoelha; a luz golfa massiça
Sobre a clareira; e um frade, ao ar, que a selva incensa,
Nas terras do Brasil reza a primeira missa.

A CHRYSALLIDA

A Capistrano de Abreu

Cae das pedras a fonte: iria o chamalote
D'agua arrufada ao sol — a joia do seu manto;
E uma mulher, quebrando o bello talhe, emtanto
Parece que procura apanhal-o num pote.

A attitude em que está levanta-lhe o saiote,
E desce-lhe o corpete; é vêl-a assim um encanto;
Tem a molleza e o ardor da barra d'oiro, emquanto
Coalha na lingoteira o fulvido lingote.

São amplos os quadris; os dois pequenos peitos
Têm brancuras e azues, são duros e perfeitos;
Sae do collo o fulgor da porcellana fina.

Chrysallida ideal, donde irrompe a Phrynéa,
Tem a fôrça que doma, a graça que fascina...
E na carne a rugir pantheras de alcatéa...

SANGUINEA

A Alberto de Oliveira

Longe... vasto horizonte retalhado
De serras côr de um glauco-azul, distantes;
Brumas por cima, como véos fluctuantes;
Perto... o fragor das musicas do prado.

O acre, o intenso balsamo exhalado
Da matta, onde andam Faunos, como dantes;
Rochedos ideaes, e as espumantes
Aguas do rio ás cristas pendurado.

Um cheiro bom das cousas, que embriaga;
A luz que sobe, sobe, embebe, alaga
O azul enorme; a garrula manhã,

Correndo a oiro e perolas as nuvens...
— Ora!... Deus plagiando um quadro a Rubens?!..
Quando isto vir, o que dirá Rembrandt? !

GRAVURA MYSTERIOSA

Por que? Não sei: mas tu entras nesta gravura.
Olha. — Um torso auroral de deusa, o oval nitente
Da alva barriga, o incendio, o alarido, a fartura
Da trança, em que ella esconde o que tem de serpente...

Ha na téla, em cada angulo, o esboço intelligente
De um sileno, os dous pés de cabra, a catadura
Impossivel, grotesca e austera, impertinente
E lasciva, obliquando o olhar á formosura.

Matto; anões; gryphos maus entre enigmas; orgias
De chimeras floreando uma banalidade;
O infinito a fugir por baixo de arcarias

Finas, atorçalando o vago e a obscuridade...
E eu quantas vezes vi que tu dalli sahias,
Como um sylpho atravessa o aranhol de uma grade!

A FONTE QUE EXTASIA

A Arthur Azevedo.

Por soberbos degraus de marmore luzente
Sobe-se ao chafariz de bronze; e despenhada
Em perolas subtis e em grãos d'oiro a corrente
D'agua cae como gaza apenas arrufada.

De um lado a embebe, a doira, a iria o sol cadente,
E doutro a fere a sombra aerea e desmaiada,
Que vem de uns véos de opala, em que anda envolto o ambiente...
Afoga-se em silencio a abobada azulada.

Duas pombas irmãs na nitida brancura,
Tendo os pés côr de rosa á borda da bacia,
Bebem, rugando o collo :—e emquanto a agua murmúra,

E um Amor de metal, que encima o aquario, espia...
Uma linda mulher, que a jarra encher procura,
Deixa que ella transborde e ante o Amor se extasia.

PAISAGEM NOS ALPES

A Garcia Redondo

E' noite — Invade a téla a luz azinhavrada.
Agua larga, folheada em mica iriante e aço,
Vem de longe: após lambe astrágalos da arcada,
Que uma ponte romana ergue aos hombros no espaço.

A lua, como uma ave immensa depennada,
Paira sobre a torrente; um monte enterra o braço
N'agua, que foge, espuma, urra, ulula entalada,
Emquanto a um tempo a envolve em sombra do espinhaço.

O leito é abrupto, vasto, os angulos cosidos
De rachitica relva, e o vento, que murmúra,
Anda no pinheiral, vê-se aos ramos torcidos.

Sobre a ponte um chalet das rochas se pendura,
E ouve-se um grande cão enchendo o ar de ladridos,
E um lobo a uivar, que surge a meio da espessura.

O CÃO DA TERRA NOVA

O pae sahiu: a mãe sae, e o filhinho deixa
No berço, um anje rubro em céo do Hespanholêto;
E vae serena e forte, e vae sem uma queixa,
Com seu amor, que é d'odio e de ternura feito.

A um Terra-Nova escuro, um cão á casa affeito,
Fia a flôr dessa carne, e o oiro dessa madeixa:
Ai! de quem nesse lyrio, o seu thesoiro, mexa;
Ai! de quem se approxime, estranho e alheio, ao leito!

E emquanto dorme e ri, e ri e dorme a creança,
Como em tôrno de um barco o mar as vagas lança,
Cerca-a do seu olhar, e interroga-a... O que quer?...

E o paternal carinho o engrandece e illumina,
Como auréola ardente em cabeça divina,
Como em virgem, que sonha, um sonho de mulher...

UM TIGRE AO LUAR

A Felix Ferreira

Cae no bosque o luar... Como o luar é lindo!...
A abobada do céo tem os leites da opala.
Um cheiro penetrante e doce a matta exhala,
Nuns phantasticos véos os hombros encobrindo.

No silencio, em que jaz, comtudo está-se ouvindo
A meiga voz, a voz de amor, com que ella falla;
A sombra, que soluça, a luz num beijo a embala...
Desce um vago tremor do firmamento infindo.

Como numa aquarella, escôam-se os caminhos...
Ha passos no moital... ha barulho nos ninhos...
Ha Dryades na relva... ha Deuses pelo ar...

Um sabiá rompe o canto á beira da floresta,
Emquanto um tigre vem solemnemente á festa,
E escuta-o sob o pallio aberto do luar...

RUBENS

Um conde italiano, moço e airoso,
Emfim suspende o toque da guitarra;
E inda retalha a esplendida fanfarra
O ambiente morno, lubrico, cheiroso.

Um negro esbelto, fino e musculoso,
Vermiculada d'oiro argentea jarra
Sustem na salva; impertinente goso
Lança ao vestido da duqueza a garra.

Pinta Rubens a eleita: — ahi vem, ahi passa;
Olha-a, erguido o pincel; passou; — mistura
Nova tinta; compõe: a doma, a enlaça.

Palmas ao mestre; a triumphal pintura
Venceu: de hoje em deante á eterna graça
Junta o poema da côr a formosura.

VAN-DYCK

A Arthur Barreiros

Tintinam taças dos crystaes mais finos
Da Bohemia no marmore da mesa;
Fervem ainda os vinhos purpurinos
Das jarras d'oiro; a sala esplende accesa.

Principescos senhores, femininos
Rostos, que fulgem de ideal belleza,
Juntos, e em varios grupos peregrinos,
Conversam: canta emtanto uma duqueza.

Emquanto mãos de artista e de fidalgo
Tiram de um cravo a musica escolhida,
Brincam sobre o tapete um negro e um galgo.

A sala é um céo, um firmamento a vida...
E entre elles, — grave a pallida figura, —
Van-Dyck estuda uns toques de pintura.

ALBERTO DÜRER

Mas... por que Dürer dava a eternidade
Do seu nome immortal, com tanto esmero,
Para salvar do olvido a fealdade,
Como que diz: eu devo, eu posso, eu quero?

Delle se ouvia: — O tempo é meu, quem ha-de
Erguer o tempo contra mim? — E o Homero,
E o Hesiodo da côr, tremendo e fero
Enchia o monstruoso de verdade.

E viva horrivelmente a natureza,
Se estorcia na téla e na gravura
Do grande artista, a um fogo enorme accesa.

Quem nos explica pois essa loucura,
E a causa dessa intermina tristeza?
Que mal lhe fez, um dia, a formosura?...

OVIDIO

Com que dôr tu deixaste Roma, e em Roma
O coração, que em ti foi tudo, ó poeta!
A gloria ia a embalar-te a vida inquieta,
E um bello sol de amor, que a doira, a somma.

Teu plectro a Orpheu os sons mais doces toma;
Tem o teu surto incircumscripta méta;
A inveja, um cão sem asas, jamais doma
A uma aguia o vôo, a um genio obra que enceta.

Ao exilio embora o odio te sagra, o exilio
Dá mais doçura ao hexametro latino;
Ha todo um campo em flôr num teu idyllio.

Na dôr, que em ti pranteia, alvora um hymno;
Fulge a lagrima delle em cilio e cilio;
Cantar, soffrer, ser deus, foi teu destino.

DANTE

(Gravura de Botticèlli.)

A Luiz Murat

Sobe de um vão tonilho ao estrondear de vozes,
Que urram, rangem mordendo a lobrega floresta:
Na chlamyde romana, e sob os louros resta
Parado o mantuano ante as bestas ferozes.

A purpura, que rola até aos pés, empresta
Uma austera tristeza ao companheiro; atrozes
Gritos golpeando o ar, que a noite em pranto infesta.
Dão-lhes ao rosto a côr das lividas chloroses.

Pragueja, ulula o horror do desespero eterno:
Sombras em multidões regougam, rugem... O inferno
Entornou sobre a téla o escopro de um gigante.

Embalde!... A téla, a pedra, o bronze não aguenta
Os soes negros chispando em meio da tormenta,
Em que andam genio, amor, e as coleras de Dante...



NUPCIAS DE ARTAXERXES

A Valentim Magalhães

O sandalo, que enerva, o nardo, que embriaga,
Nas caçoulas queimado em fumo se desata,
Que se enrosca em festões na vasta columnata;
A harpa curva estremece á fina mão que a afaga.

Dentre as columnas vê-se o azul, que em luz se alaga,
Tamareiras gentis, nopaes de sombra grata:
O alto estrado real de marmore e de prata
Mancha um jorro de sol, como uma enorme chaga.

Artaxerxes de pé ao lado da judia
Tem o prazer da fera, — uma calma sombria. —
Dá tons de sangue a luz á festa nupcial.

D'Africa e d'Asia a fôrça e o orgulho aos pés avista:
E o seu olhar, que lambe a esplendida conquista,
Darda em tôrno a algidez aguda do punhal.

UM CHRISTO ALLEMÃO

Ha um Christo allemão de um cunho peregrino:
Fronte espaçosa sob uma cabeça loura,
Escrinio que o ideal purissimo enthesoura,
Barba bem penteada, e rosto feminino,

Longo cilio, que adoça a luz do olhar divino,
Pelle branca, que o sol do Oriente apenas doura,
Uma bocca gentil, que para o beijo fôra,
Se ella não fôra para outro melhor destino.

Nada altera esse gesto eterno de bondade;
Guarda ainda a belleza, a graça, a magestade,
Entre dous homens vis, nú, em sangue, na cruz.

Gosto deste ideal: a dôr mais o levanta.
Por seu supplicio, por sua obra grande e santa...
Merecia ser Deus o pallido Jesus.

MARINHAS



A APANHADEIRA DE CONCHAS

Phantastica explosão de oiros e pedrarias!...
Rendilhados Kremlins em chamma... O sol declina...
Soprando torto buzio, impa o vento, e na fina
Areia arrasta á dança as nereidas bravias.

Recortam-se num fundo azul as serranias,
E os navios aquem arfam, e os illumina,
Esculpindo-os no ar, a tarde purpurina,
Na nota escura das igneas oleographias.

Pobre mulher na praia, acaso, neste instante,
Colhendo conchas, só, — ouvindo a cantilena
Das vagas, com um sorriso agarrado ao semblante,

Como a alga ao seixo, alvar, vil, mesquinha, pequena,
Pelo oceano estendendo a sombra de um gigante,
Dava um toque de vida humana á vasta scena.

EFFEITOS DE LUA

Ao paisagista Decio Freire

Ha nas serras, em arco, a forma da moldura
Que fecha em roda a vasta e limpida aquarella:
O claro-escuro é bom; tem perspectiva a téla;
Vibram toques de luz no céo de tal doçura

Que a mesma noite ri e aos astros se mistura;
Dorme-lhe o oceano aos pés, como o leão da novella;
Ao terral, que chegou, a agua apenas murmúra;
Duas barcas de pesca arfam por cima della.

Da indolencia em que a vaga embala-se e fluctua,
Como um corcel do mar, que o dorso de repente
Dardo em chamma feriu — salta, avança, recúa...

Do alto viso do monte, entre arvores, em frente,
Fisga-lhe as flexas d'oiro a caçadora núa,
E ao largo-verde flanco as torce lentamente...

GAIVOTAS

Do crespo mar azul brancas gaivotas
Vôam — de leite e neve o céo manchando,
E vão abrindo ás regiões remotas
As asas, em silencio, á tarde, e em bando.

Depois se perdem pelo espaço ignotas,
O ninho das estrellas procurando:
Cerras os cilios, com teu dedo notas
Que ellas vêm outra vez o azul furando.

Uma na vaga buliçosa dorme,
Uma revôa em cima, outra mais baixo...
E ronca o abysmo do oceano enorme...

Cae o sol, como já queimado facho...
Do lado opposto espia a noite informe...
Tu me perguntas se isto é bello?... e eu acho...

SURPRESA

Dorme a cidade. A noite á fronte della assenta
O aureo resplendor de estrellas, com que c'rôa
Os martyres tambem; a brisa somnolenta
Perpassa, e ouve-se quasi o cahir da garôa.

A' pesca. — Enche a maré ruflando: esta hora é bôa.
A vaga oscilla, vem, cae, soluça, rebenta,
Como um beijo de amor na areia, em doce e lenta
Caricia: a agua festeja a aligera canôa.

O pescador então fincando o remo, lança
O passaro marinho á vaga azul, que range,
Ferve: canta-lhe após a rir uma esperança.

Mas subito pegão, que as asas fôscas tange,
Nos anneis de uma serpe invisivel, que avança,
Vibra-lhe a lua, como ensanguentado alfange....

PINTURA A FRESCO

Como um cysne pousado na lagôa,
Por onde as asas côr de neve estende,
E que, se ao fundo azul do céo não vôa,
O fundo azul das mansas aguas fende...

Assim a fina, a querula canôa,
Que lado a lado as duas velas prende,
Talha, como estilete, o mar com a prôa,
Que todo em oiro e perolas se accende.

Sentado ao leme o canoeiro aspira
A acre aragem, que vem como uma lyra
Cantar-lhe á marcha doce e preguiçosa.

Fundem morros e céos num arabesco...
E o quadro assim ao sol parece um fresco
Que um Rubens pinta ouvindo um Cimarósa.

A CANÔA

Ella notava então... (e com que graça
Ella notava com seu lindo dedo!...)
A vaga azul do mar lambendo a medo
Leve canôa, que oscillando passa.

E' quasi do tamanho de uma taça...
Vae rente e rente á beira do rochedo...
Ai! se a asa, em que vae, se lhe embaraça,
Morre a ave marinha alli bem cedo!...

Isto dizendo, tristemente ria,
Porque seu casto riso de alegria
Tem de outro riso a eterna viuvez.

Mas os ricos thesouros de Golconda,
Que ella mostrava no sorriso á onda,
Tinham mais brilho e mais valor talvez.

COUSAS DA TARDE

Era o disco do sol, no poente, um forno
Aberto, a chamma calma, e côr de rosa:
E a lua, uma camelia branca, adôrno
Que tinha a tarde azul na trança ondosa.

Creára o amor o acaso, e a voluptuosa
Hora, e o logar, e o monte escuso, em tôrno
Do qual as vagas, num marulho morno,
Gemiam, como quem ou soffre ou goza.

Profundamente um cheiro glauco e amargo
Aspiravamos nós, num beijo insano...
Num beijo insano, demorado, largo.

Fugia ao longe um barco a todo panno...
E era uma dôr sumir-se... sem embargo
De quanta verde luz enchia o oceano...

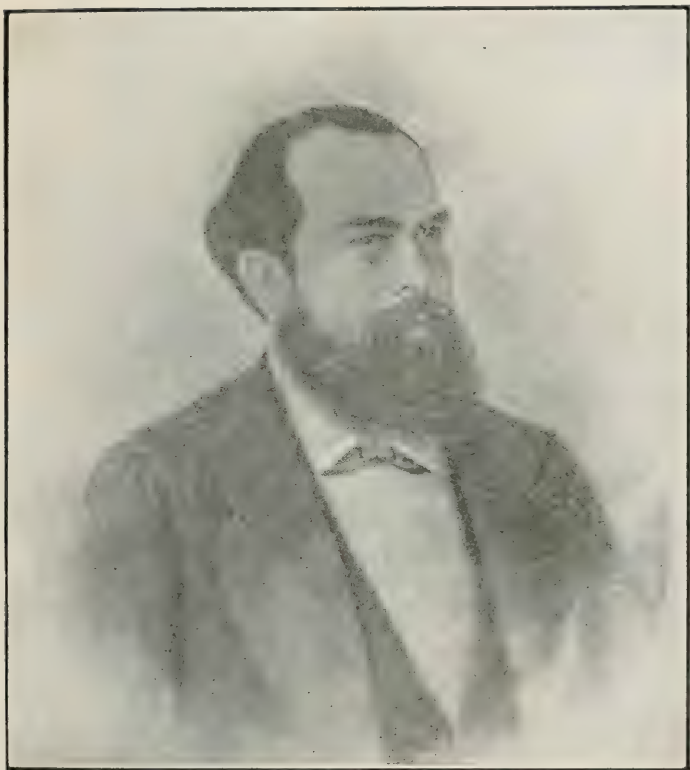
PELA PRAIA

Vão mais depressa... Deixa-os. — Dá-me o braço;
Vem das sombras do monte, em roda, o escuro;
Ha muita tarde; o medo é prematuro;
Não temas: vá, mais devagar o passo.

Mais devagar... assim. Esse cansaço
Cura-se, haurindo lentamente ar puro;
Não receies; teu corpo ao meu seguro,
Encostado, é mais leve, encurta o espaço.

Olha os teus pés; levanta um pouco a saia,
Quel-os beijar o mar, os quer, e afaga:
Cae a noite? — Que tem que a noite caia?

Com que delicias o terror nos paga,
Quando vamos tão bem a sós na praia,
Ouvindo a flauta ao vento, e o buzio á vaga!...



Luiz Delfino

Aos trinta e cinco annos

DANÇA DE TRITÕES

Vasquejava o oeano indomito defronte:
Como corolla agreste, a choupana de pinho
Abria-se por sobre o dorso hirto do monte,
Entre o alacre esplendor do matto em flôr, vizinho.

Como aranhol de festa, a lua no horizonte
Alumiava o areal e as curvas do caminho;
Na praia, negro, horrendo, a coma em desalinho,
Parecia o penedo asperrimo Caronte.

Nelle atada uma lancha: a lancha arfando inquieta...
E elle rijo, de pé, nessa inflexivel recta;
Pela grama descia um carreirinho ao mar;

E mulheres enchendo-o, e um grupo de creanças
Riam, vendo na praia a cadencia das danças
De espadaúdos Tritões, buzios soprando ao luar.

A FARÇA DOS MORTOS

Quando a Aurora ao surgir ia ensopando o espaço
De aromas bons, parou: — que fez parar a Aurora?
Fugiram-lhe, em remoinho, as pombas do regaço,
Cahiram-lhe do cinto as rosas d'oiro em fora.

Os passaros, que prende á tenda, que decora,
Poisavam-lhe, cantando, á coma, ao hombro, ao braço;
E em pé, de um lyrio viu, a nau que o mar devora
Ha tres dias, rosnando ante astragalos d'aço.

E onda á onda entoava uma odysséa ignota;
E os cadaveres rindo um riso alvar de idiota,
Mostrando os dentes e movendo os olhos tortos,

Rolavam numa dança insana e persistente:
E o velho oceano os via, e zombava egualmente
Da ironia dos céos e da farça dos mortos...

NOCTE OCEANUS

Como um milhar de leões—disse-me o Oceano—eu rujo!
Pois bem: á tarde, em pé, eu vi do tombadilho
Do barco em que ia, entrar no occaso o Sol, por cujo
Antro ainda lançava ao longe igneo rastilho;

E a Noite vir, trepar, subir, como um marujo,
Por mastros e brandaes cheios de asas, e brilho
De anneis de aço e de bronze areados, — num sarilho,
Manchando tudo em tôrno ao pulso enorme e sujo...

E eu surprehendi embaixo o mar numa humilhada
Attitude ante o Céo calmo, estrellado e frio:
E essa agua assim escura, ondeante e fatigada

Parecia-me então um polvo luzidio
Que pelo dorso immundo e visguento, agarrada,
Arrastava na sombra a concha do Navio!

LEVANTINAS



ARCO

Viajo agora ebriado o velho Oriente...
E eu que sei o esplendor das formas tuas,
Que és branca, como o luar das noites suas,
Que és, como o aroma dos seus bosques, quente,

Tendo-te sempre em meu pensar presente,
Lagôa funda e quieta em que fluctuas,
E que a beijar-te as doces carnes núas,
Nunca sinto fartar-me e estar contente:

Em chão sáfaro mesmo, ou mau, que piso,
Rasgo, estendo, armo, enfloro um paraiso,
Granizo soes e o solo é delles cheio.

Mas das rútilas cousas que imagino,
Tu só me déste, ó puro ser divino,
Lampada d'oiro eterna em céos que arqueio...

A SÊDE DE PADIXAH

A' noite o Padixah rarissimos instantes
Furta ao labor imperial: dorme sob o crescente,
Na verdura, Stambul; arfa a aragem do oriente...
Vôa á vela o cahique em ondas de diamantes.

Leva só velho eunucho, e a escrava adolescente,
Núa... quasi em nudez, as formas deslumbrantes,
Cantando á harpa tricorde uma canção dolente,
Que faz vêr, como um sonho, as mesquitas distantes.

Num descuido de harem, numa graça felina,
— Ouves? quero beber o céo, Abdul dizia;
— Ouço: e estendendo a mão branca, comprida, e fina,

Ella, por não lhe dar o que no olhar lhe ria,
Perfidamente meiga, em taça byzantina
Dava-lhe o céo, que em fogo o Bósphoro accendia...

PALACIO DE VERÃO

A Mucio Teixeira

Tremem beijos do sol na fina porcellana
Do palacio imperial, redondo e torreado,
Sobre os crystaes do rio Amarello pousado,
Onde passa o verão a gentil soberana.

Ella, — as horas, que vão morosamente, — engana,
Por entre as grades pondo o rosto cinzelado,
Como um vaso de cobre em Pekin trabalhado;
E o olhar molhado em luz, que sussurra e espadana,

Solta-o pela corrente abaixo, ao longe... e espera,
Como outro sol, luzindo á pôpa da galera,
Entre os seus mandarins, o bello imperador;

Vê-se entre o ferro as mãos, louras como manteiga,
E as unhas de coral, e a expressão vaga e meiga
Da mulher quando oscilla entre a saudade o amor.

A' CONQUISTA DO SOL

O guarda-sol de sêda á mão longa e alourada,
Como o bronze que luz nas jarras de Pekin,
E o leque noutra mão, cuja folha espalmada
De pennas de pavão abre sobre marfim,

Andando sobre os pés, como um'ave pousada,
Curtos pés em prisão dentro dum borzeguim,
Que a levam, como a vaga oscillando, embalada
Pelas brisas do mar no verde mar sem fim,

Sobre campos de chá, cuja flôr branca alveja,
Entre bambús em moita e rotins verde-escuro,
A' cuja sombra o kiosque ao céo azul adeja,

Torres de porcellana e de caulim mais puro...
Ella vae esperar que o imperador a veja...
Põe no filho do sol o sol do seu futuro.

O-HANA

Não tinha O-Hana a côr amarellada
Das pinturas da louça japoneza;
Mas... era branca, e de uma tal fineza,
Como a da neve aos fogos da alvorada.

De estirpe regia e antiga, era princeza
Com todos os prestigios de uma fada:
Nada faltava á oriental belleza
Dessa mulher encantadora... nada.

De um chamicen seu nome era a harmonia,
E, quando alguem O-Hana repetia,
O céo, a rir-se, o festejava ao ouvil-o.

Amava o chá, as flôres e os diamantes:
E seus olhos de raios crepitantes
Brilhavam, como soes num mar tranquillo...

PEROLA QUERIDA

Perola azul de esplendido horizonte,
Onde a aurora encontrou eterno asylo,
Pois te aureóla tanta luz a fronte,
Como a luz com que o sol alaga o Nilo,

Perola em cima do mais alto monte,
Como a lua de olhar doce e tranquillo,
Desejo, diz Abdul, não sei se o conte,
E, se contando, tu rirás de ouvil-o...

Rica joia do Cairo, eu desejava
Ser o pórphydo branco, em que se lava
Teu rosto, e as mãos fulgindo entre os anneis,

Mas sobretudo, ó perola divina,
Quizera ser a fonte crystallina
Em que te banhas da cabeça aos pés...

FELIZ - INFELIZ

Fi lhe dizia: — A tua bocca, que arde,
E' como a luz, que chega e enche o caminho:
N'alva a calhandra, o rouxinol á tarde
Cantam ao collo teu branco de arminho.

Quem uma vez soffreu o teu carinho,
Quem foi só, por mais só emfim que seja,
Atraz não volta, e nem voltar deseja:
Anda, e não sabe mais andar sózinho.

Leva de ti a sombra, o brilho, e o aroma;
E um ar de deus vencido, que se annulla,
O desgraçado para sempre toma.

Em ti o sol lhe nasce, a ave modula,
E sabe que beijando a mão, que o doma,
Outro a beijou, e em breve um outro a oscula...

NASCER DO SOL

Accorda, como emir voluptuoso,
Na calida ebriez de essencias puras,
E traz a enorme cicatriz do gôzo
O sol, trajando as largas vestiduras.

A' noite, que de esplendidas loucuras,
Beijando huris em raivas de amoroso!
E o divan, — entre nitidas brancuras, —
Guarda mal o segredo duvidoso.

Vêem-se amarellos sandalos na cama,
Lençóes esparsos, véos da côr da chamma,
Laca vermelha, cintas e coraes,

Sandalias de esmeralda, ramalhetes,
Argolas d'oiro, fulvos braceletes,
E o acre rubor de carnes ideaes!

O FELAH

Guarda o sultão Rhamsés um diamante,
Um rubi, uma perola Moabita,
Que era do seu harem a favorita,
De um bello olhar de ferro chammejante.

O raio doce, trémulo, iriante
Dava a luz dum punhal, que ao sol se agita:
Mas tinha um gesto ás vezes supplicante
De estrella que de um lago azul nos fita.

Um felah, que uma vez a viu sómente,
Ficou doido e dizia a toda a gente:
— Não hão de ser os meus desejos vãos

Quando vir que por ella eu choro tanto...
Virá com beijos recolher meu pranto
A's taças brancas das marmoreas mãos.

A FESTA DO RAJAH

Rajah Nallá-Tambyr-Modelear 'stá sentado
Num coxim, um primor da Persia, numa sala
Que forra o vetiver com arte entrelaçado,
E que, ao panká que passa, o morno odôr exhala.

Medrosa a luz por entre as esteiras resvala
— Odalisca a pasmar num serralho fechado, —
E o ardente huká, que entrança um filó perfumado,
Numa sombra discreta o fulvo ambiente embala.

Por columnas, que têm a graça das palmeiras,
Da varanda, que em tôrno o doce éden rodeia,
Adivinha-se a acacia, os bambús, as figueiras...

Escôam-se os chocrás... a musica escasseia...
Morre... e logo depois ouve-se a sala cheia
Dos beijos de Nallá... dos ais das bailadeiras...

OCCASOS

Thou Fou pensava: — Ó Fchitrá, queria
Dar-te a beber em vaso primoroso,
Do caulim, que não ha mais hoje em dia,
O pranto meu, que já conter não ouso.

Junto a ti gole e gole, e gôzo e gôzo,
Haurindo o aroma, que de ti viria,
E um chá côr do teu corpo saboroso,
Eu lentamente, e quasi alegre, iria.

Na pintura da taça, emfim, teu brando
Olhar, um rio ao vento a arfar, percorre,
Vendo um cysne, e um golfinho atraz, nadando,

Emquanto a luz prateada e molle escorre
D'agua azul, machucada, em pregas, quando
Frio o sol, e o amor teu mais frio, morre.

O ADUAR

No aduar serpenteia a fila de elephantes:
Têm brilhos de yatagan os recurvados dentes,
E por sobre os fakir's austeros e indolentes
Torcem, ao sol que os morde, as caudas palpitantes.

O cansado cornaca, á sombra dos gigantes,
Dorme na areia: ao sul ha miragens ridentes;
Passam trombas ao norte, e beduinos distantes:
A alma do mar rodando em todo o areal presentes.

O junco verde e esguio, o rotim em soqueira
Emergem d'agua, que dentre as uranias mana;
Do cardo olha o chacal; o tigre o ambiente cheira;

Na tenda o panká freme; a musica espadana;
Bate os pés, gira, salta, ondeia a bailadeira;
E o emir, que ella inebria, esquece a caravana...

O MINUTO DE MEI-BI

Mei-Bi á tarde, em hora scismadora,
E Yuan comsigo, tremulo, indeciso,
Olhava ao largo e ao longe o negro friso
D'agua, como um cabello que o sol doura:

E dizia-lhe Bi: "Se o instante fôra
Eterno, eterno fôra o paraiso,
A' sombra accesa e bôa do teu riso,
Na minha a tua mão cavada e loura;

Num grande fogo, em purpura o occidente,
O bangalô entre os rotins mettido,
Na areia fulva, á margem da corrente;

O vento a amarrotar o teu vestido,
E a levantal-o mesmo de repente,
Num beijo curto, curto e irreflectido..."

O RISO DE BAHVANY

Assim dizia Abdul á Bahvany: — Deitado
Tens á bocca de aurora um riso em flôr, que ebría,
Como um fakir repousa ao sol do meio dia
Sobre um tigre de dorso escuro e assetinado.

Tem o humilde animal o fundo olhar velado:
E' uma cama doce, electrica, macia;
E abre indolentemente a fauce, onde á porfia
Ha marfim, ha coral roseo ao mar arrancado.

Morde o somno o fakir, o domador da fera:
Esta, mau grado a calma intensa, inquieta espera,
Lambendo as garras d'aço e afiando-as ao chão.

Rosa fulva tambem sobre os teus labios dorme:
Jaz teu riso, o fakir, emquanto o tigre enorme
Ouve nelle o rumor das maltas do Indostão...

O UNIVERSO DE ALIN

No esplendido al-maraje e na indolencia
Que pede o Oriente tepido e cheiroso,
Maharajá — flôr e joia de opulencia, —
Ouvia ao poeta Abdul, grave e em repouso.

E Abdul cantava: — Alin, a uma innocencia
— Um lóto branco em vaso melindroso, —
Amava tão sem calma, e sem prudencia,
Que a fazia chorar para seu gôzo.

Na doce luz da lagrima chorada,
Como o lago em que um cysne corta e nada,
Banhava-se cantando um rouxinol.

Era Alin: — E o universo, elle dizia,
De novo nos seus olhos se fazia...
E era esse orvalho... o seu primeiro sol,

O FAKIR E O SULTÃO

Tinha o fakir um sestro, uma cegueira:
Amava a filha do sultão Mohamméde;
Vêl-a, e beijar-lhe as mãos, é quanto pede;
E leva nisso sua vida inteira.

Soube o sultão, e disse-lhe: — Esterqueira,
Que come arroz de Mangalor e fede,
Põe o Koran á tua cabeceira,
E que do meu caminho Allah te arrede.

Senhor, diz-lhe o fakir: — Sou um cachorro;
Mas... que quereis?... por vossa filha morro,
Soffrendo alegre o criz que me ferir.

Quando os meus olhos nas estrellas cravo,
Têm ellas que temer do pobre escravo?
Que mal lhes faz o misero fakir?...

O KUN E O NUN

Contam: — De Cachemira um rei antigo,
Que ao das Indias negava vassalagem,
Andava langue, fraco e sem coragem,
Tudo occultando ao seu melhor amigo.

Falla um dia ao vizir: — Virás commigo.
E foi com elle á esplendida paragem:
Parecia que o odôr da propria aragem
Dobrava-o, como á branca flôr do trigo.

E ás montanhas azues erguia os dedos:
Desenhavam-se o Kun e o Nun ao fundo
Do céo sereno, esplendidos rochedos.

E diz: — Que longo amor, que amor profundo!
Pois só as pedras sabem-lhe os segredos?
Não ha dois corações eguaes no mundo...

THOU - FOU

Thou-Fou prendeu, em folha que escolhera,
Mundos d'oiro de uns olhos luminosos,
Rubis de argola, prasios de pulseira,
Da fulva sêda os poemas capitosos,

Joias da bocca, que á baunilha cheira,
Dos pés d'ave que oscilla os tons radiosos,
O azeviche da trança, e, ondeada e inteira,
A forma rôta, antemostrando gozos,

Em bronze esborcinado as mãos pequenas,
E essas, que vôam no seu ninho apenas,
Duas pombas em que ninguem tocou:

E quando veiu o vento do levante,
Leva, diz, dando-a ao vento, á minha amante;
Vendo-a, dirá: vem delle; é de Thou-Fou.

A SULTANA

Foi festa, e grande, em toda a Cachemira
Quando chegou, montada no elephante...
Viu-se em leve sandalia de saphira
O seu pé de uma alvura deslumbrante;

Colhendo as sêdas, sua mão ferira
Com luz nevada a multidão, deante
Da qual o rosto apenas descobrira
Na sombra do riquissimo turbante;

Mas quando viram seus nevados seios,
Brancos, riscados de azulados veios,
C'roados de uma auréola de cabellos,

— Tenues fios de estrella que irradia...
Para não offendel-a á luz do dia
Fugiram della ao trote dos camellos.

UM DRAMA NO DESERTO

Tu ias sobre o dorso do elephante,
Já perto das ruinas de Balbek,
Aromando o teu rosto de diamante
Com sandalos do teu flexivel leque.

Tu vales Cachemira deslumbrante,
Vales Mafoma e Allah, inda que eu peque;
Por isso eu ia á sombra do gigante,
Lamentando não ser um grante xeque.

Quando o simum soprando de improviso,
Muda em nagas de areia o paraiso,
Em que ias tu, ó flôr de madhavi!...

Eis que te salvo em meu robusto braço...
E quando o sol furou de novo o espaço...
Teu doce olhar a me morder senti!...

CAPRICHO DE SARDANAPALO

"Não dormi toda a noite! A vida exhalo
Numa agonia indomita e cruel!
Ergue-te, ó Radamés, ó meu vassallo!
Faço-te agora amigo meu fiel...

Deixa o leito de sandalo... A cavallo!
Falta-me alguem no meu real docel...
Ouves, escravo, o rei Sardanapalo?
Engole o espaço! E' raio o meu corcel!

Não quero que egual noite hoje em mim caia...
Vae, Radamés, remonta-te ao Himalaya,
Ao sol, á lua... vôa, Radamés,

Que, emquanto a branca Assyria aos meus pés acho,
Quero dormir tambem, feliz, debaixo
Das duas curvas dos seus brancos pés!..."

A NUBIA

Alegre, fresco, limpido, cantando,
Na eterna mocidade das torrentes,
Passa pelos destroços esplendentes
De um povo grande, agora miserando,

O velho rio, o manto desdobrando,
Riscada á noite pelos soes ridentes:
Da bocca azul os crystallinos dentes
Vão os restos dos templos triturando.

Ahi comtudo o Nilo — enorme espelho —
E em sua tenda o negro esbelto e rude,
E o aligero corcel, e o tigre e o leão,

E o dromedario, e o céo, e o Mar Vermelho
Têm inda o viço, as côres e a attitude
Das paisagens da Biblia e do Alcorão.

MEMPHIS

Ammon-Rã lança esplendidas zagaias,
E veste o Nilo azul de oiro e diamantes:
E os loireiros em flôr, das curvas praias
Olham, manchando-o, as velas palpitantes.

Maio embandeira: os bandos doudejantes
De pardaes e bulbues cantam nas faias:
Fila de acacias, renque de gigantes
Cedros circumdam da cidade as raias.

Entre estatuas graniticas do Syena
Levanta a fronte rútila e serena
Memphis, que doiram rindo eternos soes.

Dizem della: — As estrellas serão mortas:
Mas dentro a mole de esculpidas portas
Hão de sempre reinar os Pharaós...

ECBATANA

Das espaduas graniticas do Oronte
Ergue, como um cocar de pennas de ouro,
Seus templos grandes, vastos, como um monte.
Roja-lhe o mundo o universal thesouro.

Rugem leões; pantheras rugem. — Louro,
Nopal, acacia enfloram-lhe o horizonte;
O sol pousa-lhe a garra á altiva fronte;
Cantam vagas do Caspio ao longe em côro.

Reluctam, ruem ás portas da cidade,
De sêdas, joias, ouro e cheiro alteados,
Mil elephantes; ri-se a mocidade.

E clamam, vendo-a os hospedes chegados:
"Sultana d'Asia, tens na eternidade
A perola em que pões teus pés dourados."

O DEUS DO SILENCIO

Não sei por que; porque dizer não ouso:
Seguindo estancia e estancia o antigo rito,
No templo d'Isis, adorava o Egypto
O deus sem voz, o deus mysterioso.

Milhões d'olhos de um vago olhar afflicto
Cobrem-lhe o corpo; e em languido repouso,
Guardando um gesto altivo e desdenhoso,
Poisava á bocca um dedo de granito.

E como um olho só, tudo isso olhava
Do fundo de uma orelha, que o envolvia:
E aos seus pés vendo a turba imbelle e escrava,

O mudo olhar inquieto ardia em lava...
Porem... quanto mais via, e mais ouvia,
Menos fallava o deus que não fallava....

O BRAHMANE

I

Ratnadjata

Outros soffrem, diz Fi, desta tortura,
E achar devem na taça a mesma lia:
Bebe-se o amargo e o doce de mistura;
Se o mesmo valle o cardo e o lyrio cria!...

Rolar no lóto em flôr da formosura,
Emquanto um outro espera e anciado espia?!...
Sombra egual abre o céo por noite escura,
Luz egual abre o céo por claro dia.

Ouvil-a, é ouvir a lyra de Nãrada;
Mas como a estranha voz que diz serpente,
Ou diz collar de perolas, quem brada

Nunca sei; — em que phrase ella não mente...
Mas quando a beijo, e em mim a sinto enleada,
Creio-a minha... oh! ser minha eternamente...

II

Miçrakéçi

Disse o Brahmane em casa: — Estão brincando?
Miçrakéçi morreu, não é? Que importa?...
Como a andorinha o azul do céo recorta,
E atraz duma vem outra, e outra, e um bando,

Uma cabeça appareceu á porta,
Deitou a medo obliquo olhar, recuando...
Mas alguem, que a palpou, num gesto brando,
Murmúra: — Sim, cahiu... mas não 'stá morta.

Para Fi era emtanto um corpo extincto:
Rolára do seu culto de repente,
Como uma estatua que escapou de um plintho.

— Morreu; ella morreu? se inda está quente...
Lhe respondiam; Fi tornava: — Eu minto?!...
Então 'stá morta para mim sómente...

III

O BRAHMANE VIVO

Eis o sagrado Brahmane que habita
Aquelle canto da floresta indiana,
Olhos fitos na abobada infinita,
Toda a alma cheia de uma idéa insana.

Immovel, mudo, nada mais o agita;
Sustenta-o só a caridade humana;
E a passarada garrula se engana,
Põe-lhe o ninho á cabeça, e ás mãos dormita.

A faia, a tamareira, o aloes selvagem,
A umbella cada qual dos ramos lança
Naquella doce e veneranda imagem.

E a sombra, que aos pés delle oscilla e dança
Ao som do kin da perfumosa aragem,
Fal-o rir, como estolida creança!

IV

O SUPPLICIO DO BRAHMANE

Deixou oiros e marmores de Ellora,
Por não mentir ao seu divino Brahma.
E foi na selva, onde o silencio mora,
Furtar-se ao encanto da mulher: é fama.

O amor tambem santos varões devora,
Com sua intensa e voluptuosa chamma;
E o Ganges muitas vezes não derrama
Tanta agua como quem taes males chora.

Hoje vegetação luxuosa medra
Em tôrno delle, que parece pedra,
E envolve-o no seu verde turbilhão;

Cantam-lhe em cima os rouxinoes em bando;
E quem passa parece ouvir cantando
A alma do monge a eterna dôr em vão!...

V

O BRAHMANE MORTO

Como rocaes de matisada escama
Brincam-lhe ao collo as serpes enroscadas;
São quedas d'agua a reluzir á chamma
Das longas cãs as ondas arrufadas.

O olhar já lume interno não derrama;
Trepam-lhe ao dorso as relvas enfloradas;
E ha um faceiro e pequenino drama
De lyrios rindo em orbitas furadas.

Num hombro á tarde o rouxinol gorgeia;
Saltam lacraus da fenda dos artelhos;
'Stá do aroma do santo a selva cheia.

Quem o vê põe por terra os dous joelhos:
E ouvireis, quando ao vento a matta ondeia,
O Brahmane inda a murmurar conselhos!...

VI

O BRAHMANE MORTO, A RIR

As lianas em flôr, dos pés á fronte
Subindo, e os nós do corpo sujeitando,
Guardam, depois de morto, ao venerando
Brahmane o gesto em que viveu no monte.

E o leão, e o tigre mosqueado, e o insonte
Passaro, e a aurora, e o sol, e o luar brando,
E as estrellas que fervem no horizonte,
Ha seculos, que o vêm a rir, passando.

Junto delle ri tudo, e a tamareira,
E a acacia, e o cedro, e a fonte que marulha,
E a luz do céo e o disco da clareira...

Os grandes dentes brancos da caveira
Têm no seu rir descommunal tal bulha,
Que arranca egual risada a selva inteira!

VII

O BRAHMANE E AS ALMEIAS

Quem entra o bosque? — As rútilas Almeias :
Têm de bronze polido o corpo fino;
Vêm em bando; entrelaçam-se em choreias
Bailando aos pés do Brahmane divino.

Fazem rir; ri a matta á dança e ao hymno:
Pensam ellas que o santo monge, em vendo-as,
Ha-de sentir das lubricas amendoas
Dos olhos seus o dardo crystallino,

E hão de accordar o secular dormente:
As mammas bolem, chispam-lhes scentelhas
Das mãos, dos pés, em saltos de serpente;

As faces brilham humidas, vermelhas;
E do arcabouço vêem golfar sómente
Phalenas d'oiro, turbilhões de abelhas...

MOSAICOS



O VERSO

Juntae bem, e num grupo, cousas bellas,
Cousas viris, ideaes, em sons diversos,
Com phrases d'oiro, azues, rubro-amarellas;
Dae-lhes o rhythmo e a luz dos universos:

E da arte grande, donas e donzellas
Riam-se, e os parvos, rusticos, perversos...
Só sobre o tempo ficarão aquellas
Que o poeta salve em sonorosos versos.

Quando ninguem tiver mais na memoria
De um rei a fama, um campo de batalha,
Algum retalho esplendido de historia:

Quando um imperio, emfim, já nada valha,
Nem deixe data, ou busto, ou vil medalha,
Pode um verso guardar-te o nome e a gloria.

NUM CARRO DE BOIS

Cum sol oceano subest.
Horacio

Desde a infancia, immortaes, vós sonhadores sois!...
Vós, ó poetas, só vós, ouvis a symphonia
Que espalhavam na estrada, ao declinar do dia,
Um velho, um carro tosco e dous morosos bois!...

Que véo d'opala e d'oiro em pó fino os cobria...
Como, a se entreroçar, inclinavam-se os dois!...
Pelas cercas á flôr a luz inda sorria,
Dulias de aroma á luz cantava a flôr depois!...

Quando, a aguilhada ao hombro, o carreiro indolente,
Deixava-me ir na caixa, agarrado aos fueiros,
De lá eu via o sol descer pisando, ao poente,

Espaduas colossaes de deuses prisioneiros;
Emquanto ouvia já passar furtivamente
As Dryades no valle, os Sylphos nos outeiros....



A PEQUENINA DIVINA COMEDIA

Bello dia de campo!... A noite inteira
Choveu: o fio d'agua da torrente
Augmenta, engrossa; a ponte de madeira
Resiste mal á cheia recrescente.

Vem, rio abaixo, ilhóta florescente,
E traz num galho um ninho, de maneira
Que parece afundar-se, tão á beira
Vae da vaga ululante, hirta, imminente.

O ninho tem tres passaros arfando,
De olhos grandes, cerrados, nús, sem pennas...
Da borda em cima a triste mãe piando,

Vôa mais alto, e volta, e louca apenas
Busca salvar o grupo miserando
Nas pobres asas, humidas, pequenas...

LUCTAS

Vens para me perder. Desces á arena
Disposta já para a batalha rude,
Cahida ao collo em ondas a melena,
E branca, como Ophelia no ataúde.

A orelha núa, o nimbo da virtude
C'rôa-te a fronte placida e serena;
Simples no gesto, casta na attitude...
A sala comprehendendo-te... pequena,

Muda, cheia de enleio, e quasi escura,
Para melhor fazer, como em moldura,
Brilhar a neve do teu rosto... então

Chego-me a ti com medo, a voz tardia,
O passo incerto, a mão molhada e fria...
E acho mais fria a tua propria mão!...

PENDANT...

D'aqui a uns annos mais, que mais esperas?
Ha de incender-se o céo d'estrellas d'ouro,
Pelas curvas azues as primaveras
Espalharão o seu cabello louro...

As covas se abrirão como crateras,
Berços e ninhos se encherão de chôro,
E hão de fugir nas asas das chimeras
Os sorrisos e as lagrimas em côro...

Os dias, esfolhando as igneas rosas,
Bem como um bando d'aguias luminosas,
Varrerão a amplidão dos céos risonhos...

E Deus, no emtanto, somnolento, calmo,
Verá surgir a treva, palmo e palmo,
Sobre a nossa existencia e os nossos sonhos!...

ODIO ESTERIL

Gosta de vêr a multidão rendida
Esta mulher, mais velha irmã da aurora,
Que, ha muito tempo, do botão da vida
Toda nova, a aurea fronte poz de fora.

Comtudo a luz da tarde amortecida
Doira-lhe a tez da côr triumphal de outrora,
E inda conta, sorrindo, hora por hora
Muita cabeça aos seus dois pés cahida;

Seu poder, cheio de desdens, não cansa:
E o alfange rubro, o seu rir voluptuoso,
Abate a quantos enche de esperança.

Mas eu... por lhe não dar estranho gôzo,
Dou-lhe o meu odio... e sei que esta vingança
E' um lobo a uivar por seu luar formoso!...

DEUS OMNIPOTENS

Sabem? O amor é o deus omnipotente,
Que fecunda o universo, e o traz suspenso:
A ouvir-se um largo beijo (ouvil-o eu penso)
A luz multiplicar-se em luz se sente.

O seio, que arfa, e ascende, e desce, o ardente
Astro accusa em si mesmo: é fogo denso;
Eu, como o argueiro e o espaço, ao sol pertenço;
Ha pedaços de sol em nós sómente.

Têm-se contado já num grão de areia
Muitas mil existencias: por ventura
Ha céos, que amor em seus abysmos crêa?...

Vêr mais mundos ahi, será loucura?
Do amor, que aos soes dá vida, a vida é cheia:
Vermes, deuses, e soes amor mistura.

O AMOR DO MENDIGO

Gosto de todas: amo-as loucamente...
Uma, em que palpo o esculptural contôrno,
Dispo, tiro-lhe até o ultimo adôrno:
E ouço a forma cantar num corpo quente.

Fremendo o coração, em fogo a mente,
Chispa, scintilla, como acceso forno;
E o meu olhar, vulcão sangrento e mõrno,
Dardeja-lhe punhaes, que ella não sente...

Mendigo, em descalcez, rôto, esgrouviado,
Tendo-a núa ao meu seio, amor ensaio...
Abre-me o sol um leito avelludado:

Aureóla-me a fronte, em deus, com um raio
De um sonho roseo ao fundo, ella a meu lado...
Sob a umbella do céo azul desmaio.

A DREAM

Da paz massiça dos anachoretas,
Embebidos nas limpidas espheras,
Eram tambem as minhas horas feitas,
Quando era eu teu e minha então tu eras.

De ti em torno, como as borboletas,
Na verde luz das tuas primaveras,
Queimando as asas d'oiro e das chimeras,
Mal, um dia, as abri, estavam pretas.

No fogo dos teus olhos que devora
O branco aroma ás brancas açucenas,
Cria haver toda em corpo e em alma a aurora,

Enchendo o céo d'amplas manhãs serenas,
Um céo sem fim, um céo pelo céo fora...
E isso tudo... era um largo sonho apenas...

AS NAUS

Sobre as asas pairando, as naus entram, na lenta
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas:
E, emquanto aos pés em flôr uma vaga rebenta,
Outras cantam solaus, rindo em tôrno grupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
Fugindo a um velho mundo, e fugindo á tormenta,
Que entre nichos de pedra, e agulhas lanceoladas,
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —
O' naus, vós affrontaes os cyclones, o grito
Negro, que sae do abysmo, e uracões, cara a cara:

Sois mais que esses trophéos lendarios de granito,
No seu pannejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e a cupula o infinito.

OS GRANDES ANONYMOS

Esbôço rude dos Rembrandts infantes,
Alma que pelos soes com deuses priva,
Raça frustrada de titans errantes,
Quem te foi mestre em obra assim tão viva?

Que o ar, a sombra, a luz, em tudo plantes,
Dando ao conjunto estranha perspectiva!...
Assim o poeta ás odes deslumbrantes
Rhythmo, e harmonia, e graça, e ardor captiva.

Morangos, figos, pecegos, amoras,
Maçãs, laranjas, mangas, ananazes,
O que é desenho e côr embalde ignoras;

Mestre sublime, com teus fructos fazes
Quadro em que rufa um triumphal de auroras,
E echoára o hymno de pinceis audazes...

MIRABEAU E O CANTO DO CYSNE

Luz divina e pagã, vem tu em meu soccorro,
Vinde, flôres com ella, e com ella a alegria
De um pedaço de sol, de um pedaço de dia,
De um pedaço de céo, onde o azul golfe a jôrro.

Perfumes sideraes, chamaes-me? Eu vou; eu corro;
Por tarde o rouxinol, pela alva a cotovia,
Quem os pudera ouvir cantar, como os ouvia:
Mulheres, como é bom viver comvosco, e eu morro.

Orchestrisae, clarins: — tempo, ebria-te, ó louco;
Amor, canta um idyllio, e entre eu nelle inda um pouco;
Gloria, açula-me a carne, e accende-me aos teu soes!

Athleta, estás de pé: ousa alguem desarmar-te?
Se é preciso partir, vae; é cedo, mas parte:
Deuses, vós conheceis os deuses e os heroes...

DOUDO SUBLIME

Ante o quadro de Driendl, representando
Ferreira Vianna

Da edade media esplendida figura
A' geração moderna transplantada;
Tem de um nimbo de santo a fronte orlada,
Azul, do muito céo que lhe mistura.

Foi o Pedro Eremita da Cruzada,
E, como Conde ou Rei, a sepultura
Buscou de Christo, a arder na fé mais pura,
Reluzindo-lhe ás mãos tremenda espada.

A doce côr do rosto macilento
Accusa o asceta ao fundo de um convento,
Crendo em visões, melhor sabendo vêl-as.

Sahiu do horror das luctas de um Synodo,
Ebrio de luz, sublimemente doudo,
Bom para andar num carcere de estrellas.



DRAMA ESCHYLICO

A' tarde. — A casa á praia. — A brisa harmoniosa.
Movendo a juba d'oiro, amarello, de lei,
O mar era o leão de forma fabulosa;
Lentamente a estendia ao sol, o velho rei.

E as creanças riam, quando a mestra corajosa
Lhes disse, a rir tambem: — Aos vossos paes dizei,
Que o collegio acabou, e que eu mesmo acabei...
E para sempre — adeus, anjinhos côr de rosa.

— Ó mãe, clama a familia então, — findou a escola?...
Mãe... ó mãe, amanhã pediremos esmola!!...
Aquella voz, que ulula, e accusa, — a ré, a ouvil-a,

Ergueu-se, e o peito em chaga aos filhos mostra... e os sonda..
O céo se abria atraz da ulcera hedionda:
E a ulcera era uma estrella em radiação tranquilla!...

SUB PARVA LUCERNA

Pauperis somni aula

Sobre a commoda antiga o oratorio domina:
Tem elle um Christo velho e mau, á cruz pregado
Ao centro: a um lado um santo, a Virgem de outro lado...
Anda lá fora, ao luar, um passaro que trina.

Pelas fisgas da porta entra o vento. — Franzina
Creatura, formosa e alegre, destrançado
O comprido cabello ao collo, inda se inclina
Sobre o berço de um louro anjinho entreacordado.

Ella só alvoroça em festa o pobre asylo;
Um athleta, ao rir bom do seu olhar tranquillo,
Dorme assim como o mar, que ronca num escolho.

E esse impalpavel corvo, a escuridão, de um canto,
Busca a alcôva metter sob as asas, emquanto
A tenue luz de longe o fita, como um olho.

RENVOI

A Valentim Magalhães

Salta-te em casa a aurora peregrina,
Num berço d'oiro, num alegre espanto:
Eis que a ouves cantar, e o proprio canto
Faz-te soffrer de embriaguez divina.

Teu astro tem frescura matutina
Em vitreo azul cheiroso e calmo, e emtanto
Pensas que elle do meio ao occaso inclina:
Ebrio de luz, é de prazer teu pranto.

Pois não vêem?!... Porque chilram passarinhos
Entre os verdes palmares dos caminhos,
Porque te entrou mais um do aéreo bando,

Porque tens mais um coração a amar-te,
Ficas todo a chorar, e dás-nos parte
Que tens no lar um novo sol cantando!...

AOS CEM DIAS DE UM JORNAL

Quando, cheias as velas, a galera
Ia zarpar ás Indias Orientaes,
Na praia havia muita gente á espera,
Toldavam pavilhões os arsenaes.

Via-se a mole triumphante e fera
Ante os mares dos Gamas e Cabraes,
Certo, que se não faz a volta a esphera,
Sem calma agora, agora temporaes.

Tu, pequenina nau do ipê mais duro,
A cem dias navegas a bom vento,
Alerta ao leme um sabio palinuro.

Cavando o oceano após o pensamento,
Vaes buscando as idéas do futuro,
Forte na fé do teu descobrimento...

VOTOS

Num anniversario

Creança, a quem na alegre festa brindo,
Bebendo este aureo, espumaroso vinho,
Auroras brancas forrem-te o caminho,
Doire-te a vida a luz do sol mais lindo;

Beijem-te as faces primaveras rindo,
Dêm-te flôres o aroma, e não o espinho,
Vias-lacteas de opala, e prasio, e arminho
Deixem-te os hombros seus pisar subindo.

De caricias, amor, enche-lhe a cama,
Segui-o em bando, deusas da memoria,
Do ideal do bello, natureza, o inflamma;

Dá-lhe uma folha do teu livro, historia,
Epopeias, prendei-lhe o nome e a fama,
Amplas portas do templo, abre-lhe, ó gloria...

CHRISTO NUMA MEDALHA

Foi com amor egual ao do que inda arde e ateia
Ximénes, Becerril, Arphe, que estoutro inventa,
Com desejo infinito, e paciencia lenta,
Esmaltar um metal, a que um Christo encadeia;

De um fundo flavo e quente a cabeça rebenta,
Como uma flôr que inclina o sopro de uma idéa,
E o Salvador do mundo, o filho da Judéa,
'Stá na creança já, que o mundo á mão sustenta.

O seu olhar é doce, é calmo, é transparente;
Subir d'alma e transpor céos em fora se sente;
Ha sobre tudo um pó de amortecida luz.

Como de uma caçoula, edenico perfume
Sae do manto, que faz já delle estranho nume,
E um nimbo d'oiro á fronte encima este Jesus.

UM CHRISTO DE REGISTRO

Num quarto de papel commum, com quatro pregos
Sustentado á parede esboroada e escura,
Um Jesus Christo á cruz, sangrento, se pendura:

A cabeça cahida ao peito, os olhos cegos
Pelo frio da morte; o corpo na postura
De um cadaver que já fôrça alguma segura...

A candeia apagou-se em um supremo arranco,
Vermiculando de fumo e scentelhas tudo:
E o Grande Morto jaz immovel, grave, mudo,
Sem que a luz o acoberte em seu velario branco...

Dormem por perto. O ar, que se respira, é quente:
E um besoiro, que vem, que vae, sem que alguem veja,
Como um orgão de sons enchendo alguma egreja,
Mette uma nota austera e rouca em todo o ambiente..

UM CHRISTO NO TYROL

Quando a terra de Dante e de Petrárca, a amiga
Italia Heine pisou, o sol no azul radiava,
E aos sons d'agua a correr um tyrolez cantava
Ora um hymno guerreiro, ora velha cantiga.

Sentada no poial, graciosa rapariga
A' porta do palazzo, em ruinas já, fiava,
Como grega rainha, ou como grega escrava,
No bello ideal de Homero — a Penelope antiga.

Um Christo no jardim, obra de antepassados,
Fronteiro á mole immensa, e a velal-a, existia:
Perto o pombal, mais longe os montes azulados.

Como as creanças outrora, as pombas recebia
Nos seus dous braços nús, á cruz inda pregados,
Bom sempre, inda que triste, o filho de Maria...

O CHRISTO ROMANO

Eis o rei triumphador, que acclama a populaça,
Em cujas faces ri em cheio a mocidade;
O que une o céo á terra, a terra ao céo abraça,
E abre, pelo sepulcro, édens á humanidade.

Tem nos gritos da côr a voz da tempestade:
A chamma, a luz, o ostro é multidão que passa
Pontuando o manto azul, roubando a austeridade
Do Jesus do evangelho amor, bondade e graça.

Um grande coração, que o fogo purpureja,
Brilha, em pleno, ante o peito; e um dedo longo e fino
Do proprio Christo o aponta: a auréola dardeja

Raios em tôrno á fronte; arde o olhar sibyllino...
Mas este Deus só quer salvar a sua egreja,
E não o mundo ao erro e á cruz do seu destino...

TÉLA ACHADA

Essa rosa que fulge alli no valle,
Entre outras, olha, vê, é a mais rosa:
Porem não sabe o que é, nem quanto vale,
E a apanha a mão primeira e descuidosa.

E' como tu: quem ha que a ti se eguale?
Sabes o brilho, e o aroma, e a primorosa
Côr que te veste a pelle setinosa?
Ninguem te disse o que és? não ha quem falle?

Mas o tempo reduz tudo a ruina:
Não te sentes cahir, mulher divina?
Mesmo assim, quem te beija, Amor, te goza.

És como téla de pintor de fama,
Perdida e achada soterrada em lama,
Rôta no centro, rica, e inda formosa...

PARTIDA DE UMA ANDORINHA

Podeis ir, soes de amor, não mais vos fecho
A's mãos; — parti, rolae noutras espheras:
Céo azul de minha alma, isto é deveras?
Este era pois o lugubre desfecho?

Que veiga toda a abrir-se em flôres deixo!
Valle cheio de sombra e de chimeras,
Meu confidente e o della ha pouco inda eras!...
Deuses, não, não de vós, de mim me queixo.

Nella um calido raio d'oiro eu tinha
Daquelle olhar divinamente terno,
Idyllio bom, que embala a quem caminha.

E eu, que julgava este meu sonho eterno,
Busco inda o vôo á ultima andorinha.
Mas donde vem assim tão cedo o inverno?...

ALTAR SEM DEUS

Inda não voltas? — Como a vida salta
Destes quadros de esplendidas molduras:
Mulheres núas, raras formosuras...
Só a tua nudez entre ellas falta...

Pede-te o espelho de armação tão alta,
Onde revias tuas formas puras;
Pedem-te as cegas, lubricas alvuras
Do linho, que a paixão no leito exalta.

Pedem-te os vasos cheios de perfume,
Os dunkerques, as mesas, as cortinas,
Tudo quanto a mulher de bom resume,

Escolhido por suas mãos divinas...
E sae do teu altar vazio, ó nume,
A tristeza indizivel das ruinas...

IGNOTUS !

Ha Deus, se alguem de um Deus a prova exacta der-me.
Não vale Paganini um passaro no ninho;
De Thenard ou de Würtz o opulento cadinho
Não dará nunca ao mundo o ovulo de um verme.

Que prova? — Isso mais nada. E eterna, muda, inerme,
A esphinge!... A esphinge sempre em meio do caminho:
Um céo findando noutro, os céos em torvelinho,
E num giro fatal o esterquilinio e o germe!...

Como uma sombra informe atravessando um muro,
Pelo fundo do abysmo azul um vulto escuro
Passa ás vezes — Quem foi? O eschema de um de nós

Loucamente buscando a mão que enflora o monte,
Ou quem esculpe a noite, e lhe circula á fronte
A tiara d'oiro, a tiara enlhamada de soes!...

SOBRE O PÉGASO

Upa, ginete, aos céos, em marcha. — Espora ás ancas,
Redeas presas ás mãos, a velha estrada mudo...
Rasguemos regiões mais limpidas, mais francas,
Quero vêr se esta eterna dôr da vida illudo.

Vamos. Sinto-me alado, e firme, e erecto, e mudo;
Amor, nem mesmo tu destes azues me arrancas:
Vôo como envolvido em duas asas brancas,
Que são a minha guarda e a minha fôrça em tudo.

Aqui de longe, aqui, por uma esphera vasta,
Tendo sob os meus pés o globo, que se arrasta,
O dardo ao flanco, ao passo o tedio do cansaço;

Vendo o orgulho com que vão nelle os homens todos,
Num alarido, como um turbilhão de doudos,
Upa! grito ao ginete, em marcha, espaço... espaço!...

CAMONEANA

GLORIFICAÇÃO BRASILEIRA A LUIS DE CAMÕES

NO

TERCEIRO CENTENARIO DA MORTE DO POETA

(10 de Junho de 1880)



Luiz Delfino

Aos setenta annos



I

A Luis de Camões

LEÃO ALADO

Como um leão, que volta, e vem do firmamento,
Tinta a bocca de luz dos astros immortaes,
E que na fulva garra — ousado e famulento, —
Arranca ao céo azul pedaços colossaes...

E sacudindo a crina e as asas d'oiro ao vento,
Como ás girafas dos seus patrios areaes,
Das estrellas no collo — indomito e violento, —
Mette o dente... e revôa em procura de mais...

Seu genio assim — Leão alado da harmonia, —
Roubava as ideaes estrellas da poesia,
Pendurando-as da patria aos multiplos florões...

Quem não ouve o fremer dos mundos fulgurosos,
Nos hombros carregando os versos sonorosos
Do canto secular que nos legou Camões?!

II

A LUIS DE CAMÕES

Dae-me o vosso rumor, indianicos mares,
Vosso aroma e verdor, mattas orientaes,
Vossa voz, ó leões, vossa sombra, ó palmares,
O' céos, o vosso azul, e os soes, com que brilhaes;

Fragrancias de Ceylão, que volitaes nos ares,
Macau em cuja gruta inda echôam seus ais,
Eu desejo sómente encher-lhe os seus altares
Da luz, da voz, do amor com que inda o festejaes.

Ó rei, maior que os reis da nação que cantaste,
E que de eterna luz a cova alumiaste
Da terra onde estendeste as estrelladas mãos...

Ergueste o solio augusto em penhas de Calvario,
Ó poeta immortal, tres vezes centenario,
Mendigo que tiveste os soes por teus irmãos.

III

A LUIS DE CAMÕES

Emquanto ao fogo intenso, em que o peito te ardia,
Do teu grande padrão fundias o metal,
Emquanto o eterno molde a tua phantasia
Riscava do poema enorme e colossal...

Emquanto o monumento acabado sahia
Sellado por teu genio olympico e immortal,
Emquanto a eternidade a tua obra envolvia,
E punhas ante Homero o seu maior rival...

Emquanto se ebriava a terra a ler teus versos,
E vinham do horizonte ouvir povos diversos
A epopeia do mar e da navegação...

Ó Luis de Camões, ó grande sombra morta,
Nas ruas de Lisbôa um jau de porta em porta
Para seu amo esmola um pedaço de pão.

IV

A LUIS DE CAMÕES

Devias ter colhido estrellas luminosas
Para fazer o fogo enorme e crêador,
E o bronze preparar das formas grandiosas
Da estatua do feroz e horrendo Adamastor.

Devias ter bebido ás curvas graciosas
Do céo o leite doce e cheio de vigor,
Que sae dos seios nús das scintillantes rosas,
Para pintar Ignez — a perola do amor.

Devias ter sorvido as lagrimas da aurora,
Para a Venus gentil pintar, quando ella chora
Perturbando no Olympo os deuses immortaes.

Mas para encher de soes teu canto immorredoiro
Devias ter roubado ao Deus a penna d'oiro,
Com que elle pinta o azul a traços colossaes.

V

A Luis de Camões

A VOZ DA SOMBRA

E para responder, a sombra despertando,
Quando lhe foram lá por elle perguntar,
Dos braços nús terror e annos gottejando,
A fronte levantou da pedra tumular.

Tinha terrenas cãs, o aspecto venerando,
Massiça noite de tres seculos no olhar,
Estrellas nos rasgões do fato miserando,
E o silencio que canta em noites de luar.

E disse: — Quando o Eterno ergueu o firmamento,
Nos soes e turbilhões fixou seu pensamento,
E escondeu-se detraz de sua obra immortal.

Por que buscaes Camões num tumulo sombrio?
Jesus tambem deixou seu tumulo vazio,
E o tumulo de um Deus é a alma universal.



NUVENS E RAIOS



VERITAS VERITATUM

E' mais louco talvez quem mais estuda!
Dizer que a luz se extingue e tudo alaga,
Que aquillo que morreu, não morre, muda...
Morre e não morre, apaga e não apaga!...

A vaga treme, expira, e é sempre vaga!
A morte vive em cada cousa muda;
A dôr que morre, qual! não morre, e ajuda
A dôr que canta no seu ninho — a chaga.

Alma feita de luctas e procellas,
Na espumarada vã das cousas mansas
Rolam mortas milhões de cousas bellas,

Boiam milhões de mortas esperanças;
E, tu, minh'alma, morta em cima dellas,
Morta... vives ainda, e não descansas!...

WISH

E's a corrente, eu sou a barca apenas:
Tu vaes, eu vou singrando ao sol, que a doura;
E quando venha a noite sonhadora
Encher-te o seio azul de cantilenas,

Emquanto o céo a fronte de açucenas
Cinge, como se negra noiva fôra,
E banha as vagas limpidas, serenas
De quanta branca perola enthesoura,

És a corrente, eu vou: vaes ao infinito?
Irei tambem: caminho, e não reflicto:
Não ha comtigo para mim mau porto.

Mas... se um dia lançar-me um'onda á syrte,
Que inda assim cante o escôlho, e o escôlho a rir-te,
Mostre n'agua dançando alegre o morto...

TERROR DO PARAISO

Eu que tenho vulcões jorrando fogo e lava,
Eu, que os ouço bramir, e lacerar-se em chamma:
E em que manhã brutal de um céo feroz derrama
Punhaes d'oiro e de luz, que nos meus seios crava:

Eu, que ouço o temporal, que horridas pugnas trava,
Que ruge, ulula, raiva, estoira, morde, brama,
Sendo minh'alma o palco em que se move o drama
Colossal, como em bronze Eschylo os moldurava...

Que ouço em meu sangue ruir os sopros da procella,
Só em vêl-a, a sonhar, sómente em pensar nella,
Quando a vejo em nudez illuminada, a sós,

Quando o meu coração ao seu conchego, absorto
Empallideço, tremo, e caio, como um morto
Hirto, frio, sem ar, sem luz, sem côr, sem voz...

VIA CRUCIS

Aquelle mente; aquelle alli não só me nega,
Como me ultraja; este outro engrandece-me, e odeia!...
E nunca illusionou-me o canto da sereia;
E vi sempre que a gloria aos Caucasos nos leva!...

Passae, Proteus, passae, na indomita refrega,
Que arranca o rio ao leito, e muda em lodo a areia:
A torrente, que arrasta o furacão, é cega;
E eu amo a calma, a paz, a luz, que vem da idéa.

Sinto em mim novo ser, um ser novo e divino,
Quando um calumniador off'rece-me o destino,
Para poder ser bom, perdoando-lhe o mal.

Infame e vil, não quero a folha de um loureiro;
Immaculado, e puro, e intemerato obreiro,
Prefiro ser o sangue a ter sido o punhal.

A PEDRA

E então a rocha dura da montanha,
Grande, como um pedaço do infinito,
Lá por dentro em seu torso de granito,
Não é á magua universal estranha?

Quando uma a outra, em largo amplexo, apanha
Pela fatalidade desse attrito,
A voz humana accusa, e trae num grito,
E vê-se o fogo que ellas têm na entranha.

Consolo á dôr tambem ninguem lhe opponha,
Quando emfim dos latibulos de um cofre,
No rumor largo da expansão medonha,

Saem-lhe do seio lagrimas de choire...
A pedra pensa, e porque pensa, sonha;
A pedra vive, e porque vive, soffre...

A BIBLIA DE ALCALÁ DE HENARÉS

O sabio cardeal Ximenes, já bem velho,
Arcebispo e ministro ao lado de Fernando
E Isabel, ambos reis, um dia desejando
Dar na vulgata, e em mais de uma lingua, o Evangelho,

Fez imprimir a Biblia, esse polido espelho
Das tradições christãs, sacrario venerando
De poesia e de historia, em Alcalá; e ao mando
Juntou para Brocario, o editor, o conselho.

Tudo que em arte é bem, rico em typographia,
O velino, a vinheta, a estampa, a illuminura
Em volatas de côr e em rubro espasmo ardia.

E quando creu assim ter preso um povo, — o cura
Não viu Deus, que atacava ahi dentro a dictadura,
E á liberdade e á luz a alma da Hespanha abria!...

SOMNO

Dormindo nós, o espirito tem olhos.
E' um cego, não vê, quando accordamos...
Éschylo

Não, Éschylo, não creio no que dizes:
Quando se dorme, o espirito então vela?!
Quando se dorme são os infelizes,
Que, em carro d'oiro, a providencia atrela.

Nenhum tormento asperrimo os flagella:
Nem têm da luz aos nitidos matizes
Amor, ou ambição, que os torça, e nella
Não soffre um'alma as navalhadas crises.

O somno é doce balsamo nas chagas,
E faz parar as lagrimas vertidas,
Como a pesca das perolas nas vagas.

Ah! que seriam de milhões de vidas,
Sem dar-lhes, noite, a morte, com que apagas
A dôr que grita o fundo das feridas?...



A FRAQUEZA DE UM MOMENTO

Veiu. — De um jacto só do mundo americano
Vasto imperio arrancou, aos reis domesticado;
E entregou sem fragor ao velho e augusto oceano
Um velho e augusto rei num throno espedaçado.

Ter um novo pais de prompto alevantado
Sem pranto de ninguem, sem traição, crime ou damno,
Reformador feliz, mais feliz que o soldado,
Não houve a um grande esforço um maior premio humano.

Mas chegou de improviso um formidavel dia,
E o povo em tôrno delle, alheado e absorto, via
Desprender-se, oscillar, ruir de um céo azul

Do seu destino immenso a enorme estrella accesa:
Foi sua audacia — olvido; o olvido — uma fraqueza...
Certo fôra, sem ella, o Washington do Sul...

NO ECLIPSE DA LIBERDADE

Quando ella veiu, com a grande calma
Da fôrça que triumpha, e que perdôa,
Entre estrellas andava, e era tão bôa,
Que o chão em palmas foi-lhe uma só palma.

Chegou, enchendo tudo de su'alma...
Que faz? onde erra agora? em que céos vôa?
Por valle e monte o nome seu não sôa:
Que crime á garra adunca a tem, a empalma?

O infortunio do tempo, um dia, achou-o;
Viu no monstro a belleza de Antinôo,
No traidor viu o espirito do forte;

E de então, como á flôr a gotta d'agua,
Sinto que dobra a minha fronte magua,
Que odio não turva, ou medo ao exilio e á morte...

OS EVANGELISADORES

Homens de bem, mentis; mas eu vos comprehendo:
Vós não fazeis a Deus este cobarde insulto
De diminuir-lhe o grande, o mysterioso vulto...
Tomo como virtude o vosso crime horrendo .

Quasi que vos perdôo, e este preito vos rendo,
Que vós sabeis o que ha de ridiculo e estulto
Nessa historia de sangue, e nesse immenso culto
Que nasceu de Jesus, no Golgotha morrendo...

Pode espalhar mais soes sobre o nosso caminho,
Aos espinhos da vida arrancar um espinho,
Ser Prometheu, e ao céo ir roubar a verdade...

Sendo tudo chimera, exceptuando as dôres,
Por que não lhe deixar um sonho... Ó sonhadores,
Prendeis assim a um sonho eterno a humanidade...

OCCULTISMO

A Medeiros e Albuquerque

Quando á noite sózinho, alheado e mudo,
Passam por mim, num turbilhão medonho,
Mundos que palpo, e que não são comtudo:

Busco em vão quem os fez e os leva, e ponho
A olhar-me: existo? quem sou eu? e estudo
Se isto, que vejo inda accordado, é sonho....

Ha dentro em nós recordações trazidas
Doutras terras e céos, num vago enleio:
Lembranças de soffrer jamais perdidas,
Soffrer que unir-se ás nossas maguas veiu?

Num deus... deus que agoniza, ha muito, eu creio,
Que a não ser, jovens mães estremecidas,
Nunca irrompera mais do vosso seio
A dôr com toda dôr das outras vidas...

PROFUNDIDADES DESCONHECIDAS

Por uma escada feita de diamantes,
Obra de rara e incognita estructura,
Vou subindo, subindo ao céo, á altura
Dos olhos seus, espheras rutilantes.

De cima delles desço, alguns instantes,
Aos abysmos em que sua alma pura
Deve estar em nudez: lá 'stá; fulgura;
Encontro-a; é ella; e volto, como dantes;

Sim: é ella: Lá 'stá de esplendor cheia;
Ebria-me, seduz, prende-me, enleia;
Mas saber o que quero a empresa é vã.

Ahi fulgem só imagens escolhidas,
Reaes no fundo, em luz e em côr mentidas,
Como a Ronda Nocturna de Rembrandt.

O CONSELHO DE HAMLETO

Trazes um coração dentro do peito,
Um casto ideal, um forte pensamento,
Tu és honesto? Vae para o convento,
Como á Ophelia mandou um dia Hamleto.

Quem á virtude só der o seu preito,
Para encontrar no somno a calma e o alento,
Busque o sepulcro, não procure o leito:
Se viver, viverá do seu tormento.

Vida é delirio: vê rosaes, escuta
Canções, com que alma embala a mente insana;
Se a razão volta, o quadro então permuta,

Vem de novo o soffrer, que a febre engana:
A' mesa, em que se senta a escoria em lucta,
Não tem logar a flôr da raça humana.

PROLIFICUS DOLOR

Esta infinita Sêde do infinito,
Não a contenta e farta cousa alguma:
Vê só de todo o mar em cima a espuma;
E não vê senão forma, ou culto, ou rito.

Acha que o espaço é uma bocca, e o grito
Que a synthese da vida emfim resuma,
Que sae della, é de um soffrimento escripto
No céo, na terra, alèm, por tudo em summa.

Andar nisto um mysterio atroz se sente!...
Quando um beijo arfa ao encontro de outro beijo,
Trae o gôzo um gemido alli presente.

Será por isso então que o amor nos mente?
Pois que o amor, sob o impulso do desejo,
E' a dôr que fecunda a dôr sómente.

STRUGGLE FOR LIFE

Fui-me viver nas sombras da floresta,
Viver ahi só, ahi só buscar repouso,
E a serena alegria, e o intimo gôzo
Do céo cheio de luz, da terra em festa.

Pois olhem, nada disto achei, e ouso
Crer que ninguem a paz haurira nesta
Mentida calma: um véo delicioso
Cobre o odio, a traição, que o campo infesta.

Fura o bysso da tunica impolluta
Do lyrio a larva immunda e o insecto: — e ouço
O rumor surdo d'aspera disputa

Do berço á flôr, do pranto em grito ao fôsso:
E dão o amor da vida e o horror da lucta
Armas ao verme, espantos ao colosso...

O ESPAÇO LIMITADO

Quando eu julgava e cria intermino este espaço
Jamais pude entendel-o, e andava mais contente:
Hoje que dizem ter um fim, acho-me em frente
Ao maior, mais profundo e lugubre embaraço.

Tem um limite então provado? Ergue-se o braço,
E não achando mais o vacuo eternamente,
Encontra um muro, um muro enorme de repente:
Que de hypotheses vãs, que me enleiam, não faço!...

Pára isto tudo!... E alem? Por mais que a ração torça,
Não comprehendo o céo e não entendo a fôrça!
Procuro: é o universo um coxo, um cego, um mudo?

Eu noto só que a morte em vida se renova,
Que ao meso tempo a cova é berço e é berço a cova,
E que tudo anda em nós, como Deus anda em tudo

IMPLACABILIS DEA

Do amor a áscua fatal eternamente accesa
O homem nivela ao verme, e a um universo o eguala;
Mas trahiu, o que a deu, nada perdendo em dal-a;
Parece fôrça; illude: — é apenas fraqueza.

Nella se banha, e innova, e enflora a natureza;
A alma branca do lyrio o aroma branco exhala.
Sem pudor, como um cão, quem arma esta surpresa,
Uiva á dôr pela bocca esqualida da valla.

Como os cysnes, em grupo, espraiam-se nos lagos,
Deuses vão pelo espaço, em bando, a rir do afflicto
Luctar, em que imos nós, presas de uns sonhos vagos.

Que lhes importa? Sempre o gôzo ultima um grito:
E a morte ha-de sahir de um beijo e dois afagos
E dar mais luz aos céos, e mais céos ao infinito.

BLASPHEMIA

Pôr sobre a vasta dôr humana um sol tranquillo,
Como ao gorjal de um cão um vil guiso amarello!
Porem que obreiro ousou pensar sómente aquillo?
E feito, e posto alli, quem ousou achar bello?

Sei que o esbôço escondeu, sei que guarda o sigillo:
Como o meu nome é cêpo, o seu nome é cutello:
Quero vêl-o, e não vem; chamo-o, e não ha ouvil-o;
Mas embora: ao seu odio o meu odio nivelo.

E' um tormento o amor, maior tormento a vida.
Desce á cova o universo, escorralha cahida
Dum em outro mysterio e um grito em tôrno disto;

E disto em cima um Deus immenso, eterno, infindo,
Surdo, pacato, bom, farto, contente, rindo
De Prometheu um dia, e outro dia de Christo...

A DÔR

E a dôr sentada á porta, á chuva, ao vento, espera;
Sabe que ella ha-de entrar; sabe que ha-de ter hora:
Deixem contente o lar a rir, que logo chora;
Só pela voz da flôr gorgeia a primavera.

Antes deste universo arfar a dôr não era:
Sahir de si a dôr, a dôr não pode agora,
E' dôr, mau grado seu, como a aurora é da aurora,
Como a rosa é da veiga, e o fogo é da cratera.

Fatal, como é a sombra, ella se arrasta e inclina:
Preferira cantar, como um passaro trina,
Ser a alegria em vez de ser a dôr... mais nada.

Lagrima eterna presa a um soluço infinito
Sou eu, és tu, a terra, o mar, o céo, num grito
De dôr, que a propria dôr solta aterrorizada...

CRAS . . .

Dizem que é bom soffrer, que a dôr descerra a porta
Das espheras azues, onde oiro e jaide é tudo:
Mas estando o sepulcro eternamente mudo,
Mudo todo universo, — o crer num céo, que importa?

Ir num mesmo caixão uma esperança morta
De um morto sonho ao lado!... ó deuses, não me illudo.
Do infinito aos seus dois pontos, quem vae? E o agudo
Grito da terra muito em baixo o espaço corta...

Deixa, eterna miseria, o eterno horror do obscuro:
Por que sou? deste mal a causa em vão procuro;
Para explical-o só um crime enorme resta.

Vamos. Erga-se altar á deusa da alegria:
Quem, na ebriez do cantar, notará dia a dia
Que por um que faltou canta um outro na festa?...

A CEGA

A vida... quem a fez, fez a dôr: punhalada;
Fez-se o mar, poz-se nelle um crime: a tempestade;
Inventou-se o terror servindo á crueldade;
Fez-se a flôr, nella dorme o veneno: emboscada.

Fez-se a rosa, o que é bom, para o espinho: cilada;
Fez-se o céo, um abysmo; outro, o inferno: maldade;
Fez-se o verme, um horror, torpe inutilidade;
Emfim o homem fez Deus: Deus fez isto, e mais nada.

Deus não ama a ninguem, como a ninguem odeia;
Do seu nome, isto só, toda a terra está cheia;
Como nós, qualquer vicio elle em si mesmo traz.

A fôrça será sempre essa louca, essa cega
Que tudo deixa, e logo em tudo outra vez pega,
E, Penélope eterna, anda, faz e desfaz?...

VANITAS

Ser Cezar, dominar o mundo inteiro,
Ser Colombo, inventar um continente,
Ser Homero, brandir a lyra ardente,
Que vale? — E' o universo um grande argueiro.

Tudo é mesquinho, e vão, e passageiro,
Inutil no passado, e no presente,
Sonho, oasis que illude, e foge, e mente
Na futil obra do orgulhoso obreiro.

E' ser grande, ter isso? — Isso é ventura?
Só no palhal, que á beira do caminho,
Da fisga de um rochedo se pendura,

No sitio em urzes, de arvores maninho,
Ha, — e quem sabe?! — uma alegria pura,
Pregada á sombra, como ao galho o ninho...

OBSCURIDADE ILLIMITADA

Sempre o enorme ringir desse eterno problema!
E o connubio da luz d'orbes pontuando a esphera!...
E essa duvida amarga, essa ancia, que nos queima,
No cairel desta vasta e lobrega cratera.

Não ha sol que não morra; estrella que não trema:
E o que dizem os céos aos céos, quem assevera?
Que canta em rhythmo estranho o universal poema?
Se Deus é Deus, emfim para ser Deus, que espera?

Ha no verme a ironia? Ha no espaço uma idéa?
O que fez, está feito? O que disse, está dito?
Por que não compõe Elle uma nova epopeia?

Se doutros Prometheus, que hão de vir, não receia,
Que quer de nós, que quer, dispondo do infinito?
Por que os mundos que move entre dois grãos de areia?

WITHOUT HOPE

Não te perdôo o mal que me fizeste,
Ó Deus, porque me sinto humilde e escravo,
Mesmo se insulto os soes, se a pugna travo
Com o vasto espaço, onde os teus sóes puzeste.

Que sei? — Tu prestas? Ha quem saiba, e preste?
Por que geme e espumára este mar bravo
De amor, que tudo assoma, inunda, investe,
Em que meu corpo, irado, ou mancho ou lavo?

Eu que desejo ou quero com certeza?
Para que ponto arrasta-me a corrente,
Que ora sigo, ora fujo, e volto, e, presa,

Leva-me emfim irresistivelmente,
De queda em queda, afflicto e sem defeza,
Vencido eterno, eterno descontente?...

CULTO

A um principio, que adeja alto em céo impolluto,
Que mão alguma alcança, e imperio algum assusta,
Curvo-me: e a consciencia applaude esta acção justa.
Vença o bello: por elle eu vivo, eu soffro, eu lucto.

Arma-me estranho deus um braço resoluto,
A fé metteu-me bronze á espadua, e a fez robusta;
Fecha-me dentro em si o bem, como um reducto,
E o amor, complicação daquella idéa augusta.

Descer ao eterno abysmo, — o coração — quem ousa?
Da alma branca de Abel se em nós ha qualquer cousa,
Em Caim todos têm o mesmo sangue irmão.

A quem pois o meu collo hei de baixar? Mostrae-o.
De golpe a estatua d'oiro a pó reduz o raio;
Dê, se quer, o universo ao pó um culto: eu não...

VIRGILIO E PASCAL

Quando penso em Pascal, quando em Virgilio penso,
Deante deste universo em giro eterno, deante
Do fim, da causa, e auctor da machina possante,
A incognito terror o espirito suspenso;

O silencio por tudo impassivel; sem senso
A instavel creação, reviva e agonisante,
Nascendo, para só morrer no mesmo instante,
Todo caminho obscuro; á razão tudo infenso:

A vêr quasi arrasada essa mudez feroz,
Quizera tel-os hoje entre nós, o gigante
Nos numeros montado, e o poeta, a luz do Dante,

Bella estrella de Roma augusta á fronte accesa...
Não 'stá cheia de Deus a grande natureza,
A grande natureza está cheia de soes...

O ETERNO ENIGMA

Na terra é grande a colera das almas;
Bôas são, as que só têm menos odios;
No deserto é que dão mais verdes palmas:
O mar e o vento, um mesmo deus sacode-os.

A perola, que brilha, e esplende, e azula,
E' a molestia de um molusco apenas;
Do dia a ausencia é que abre e vermicula
De astros as noites limpidas, serenas.

Quem, louco! tem o orgulho da verdade?
Donde virão os bons ou maus conselhos?
Grãos de areia, ante o espaço e a eternidade,

Valeis menos ou mais que os soes vermelhos?
Se é cheia a propria luz de escuridade,
Ante quem dobrarei meus dois joelhos?!...

VANITAS VANITATUM

Fluxo e refluxo emfim do indomavel oceano,
Leva-o neste oscillar o seu destino eterno,
Gotta e gotta perdendo o seu sangue anno e anno,
Sem édens nunca achar e sem sahir do inferno.

Sobre o esqueleto nú do mar ha-de o galerno
Soprar um dia sem ter que encher um só panno,
Morta a vaga sem um grito de pelicano,
E amortalhado o sol em seu lençol de inverno.

Homem, ridente luz, homem prantiosa treva,
Que Adão fez revoltoso, e humilde e bom fez Eva,
Que encheste a terra e o céo do pó do teu barulho,

Fazendo a cada passo o bronze echôar da historia,
Ora um clamor de luto, ora um rumor de gloria,
Que foi de ti com todo o teu banal orgulho?...

VICTORIA DA SCIENCIA

Triumphará a Sciencia, e os seus batalhadores
Os sellos quebrarão dos mythos consagrados?
Se ella não triumphar, que importa? Estão lançados
Os destinos da vida em moldes superiores .

As loucas soluções de escravos e senhores,
Os sonhos vãos adrede escriptos e sonhados,
Semelham os dobrões e os florins d'oiro usados
Que acabaram nas mãos de antigos possuidores.

Aguia, que o céo domina, aguia, que desce o abysmo,
Homem, ha no teu pleito um eterno heroismo;
Tens a grandeza e tens a amargura dos mares.

Para o ideal da existencia, e para a lucta immensa,
Não basta crer, quer mais o que medita e pensa:
Quer provada a verdade, a que ha-de erguer altares.

INSIDIA MAXIMA

E quando a creação triumphante o espaço enchia,
Das espheras azues, onde oiro e jalde é tudo:
Era austera verdade a sagrada alegria,
E era um riso a manhã, e um sorriso era a sesta.

Disto nada ficou: disto nada nos resta.
Jehovah armára á vida uma insidia, e cahia
O homem nella: e ora em sangue um cadaver dizia
Que era, já pela morte, a dadiva funesta.

Ser ignoto, amontôa as coleras no senho:
Chame seu o Teu crime um qualquer vil conselho,
De Ti, da noite eterna um vão terror não tenho.

Marca o ponto que lamba o cão do sol vermelho;
Metta ao jugo o universo o teu poder ferrenho;
Fôrça, esmaga-me, és Odio: Odio, eu não me ajoelho.

O CEZAR ADRIANO

Não venceste, assassino; e era nobre o teu fito,
No culto á Guerra e ao Bello, a arte humana e divina!
E entre os grandes e os bons querendo o nome escripto,
Tiraste á Tivoli a pedra travertina,

A' Iberia a prata e o ouro, o ferro á Palestina,
Os marmores á Phrygia, os pórphyros ao Egypto,
O alvo jaspe á Laconia, á Thessalia o granito,
A perola á Golconda, á Gallia a turmalina.

Semeaste a ponte, o templo, a therma em toda parte,
Deu-te aureolas Minerva, e deu-te louros Marte:
Em deus atravessaste o Coliseu e o Fôro,

Chegaste á Historia, e ao Olympo indo a chegar, um triste
Ensanguentado espectro ergueu-se, olhou-te, e ouviste
Bradar: — Pára. — E paraste á voz d'Apollodoro.

O IMPERADOR CARACALLA

Fartou o povo-rei até a saciedade
Com o espumante falerno e os rubis de Marsala;
O Cezar Antonino, o grande Caracalla
Pode por cima delle ir da Therma á cidade:

Se lhe dá tudo, pão, festas, e liberdade,
E o sangue do estrangeiro... o fetido, que exhala
No circo o leão e o tigre esfaimados, invade,
Mas recúa ante o olôr dos sandalos da sala.

Na piscina elle nú entre bellezas núas,
Brancas, no alvo esplendor das semicurvas luas,
Dão horas ao amor, palpitando aos pedaços.

Jamais a consciencia o crime lhe importuna:
Quem pisa o mundo e aos pés leva Deus e a Fortuna
Pode esmagar o oceano entre o annel dos dois braços...

MIRAGENS

Eu caminhava... Enchia o campo olente aragem:
Como uma rosa enorme, ha pouco, o sol nascera;
E num vasto rumor de aurifera poeira
Erguia-se outro sol do fundo da paisagem.

A luz, que tem na loira aurora o loiro pagem,
Que faz brotar a flôr dos olhos da caveira,
Que crava no deserto intermino a miragem,
E ante a qual abre o céo, como o leque a palmeira,

De longe, aureolar um santo parecia!
Quando perto cheguei, a ultima agonia
Vi de um cão; pobre gallo esgravatava o cisco

Por entre vidros, terra, e algumas pedras toscas;
Fervilhava por cima um turbilhão de moscas...
E era nisso que a luz puzera o augusto disco!...

A HUMILHAÇÃO DA VIDA

O pranto sobre o pranto é necessario á vida,
Como é preciso a gotta em cima doutra gotta,
Esta de pedra sae, que tenha a entranha rôta,
Como aquella sae d'alma esmagada e partida.

Para a viga melhor ser curvada e torcida,
Dentro d'agua se deita, e ahi fica um tempo immota;
Assim a agua do seio; assim a agua da grota:
Não ha agua que corra e se suma perdida.

Arqueia o corpo e a alma humilha, isto é verdade;
Mas porque a torna molle, e suprime a dureza,
E' que ella serve e é bôa á pobre humanidade.

Da nossa fragil carne e nosso orgulho presa,
O que podemos nós contra a fatalidade,
Se temos contra nós a propria natureza?

SUPREMUS DOLOR

Ha uma grande e lugubre tristeza
Que outra, crêras maior, nem inda eguala,
Que não encontra irmã na natureza:
De que jamais ninguem fallou, nem falla.

Não anda, ao amor, que trae, gemendo presa;
Tem-nas todas a morte, e a não exhala;
Não sae da cova, não a cospe a valla;
E' soffrimento e a um tempo uma surpresa.

Não é, mau grado, a lagrima que esfria,
Sem ter achado o coração preciso,
Com outra ao pé de si, em companhia:

A dôr suprema é rir, num paraiso,
Rir só, sem ter o rir de outra alegria,
Que é mais doce chorar que rir tal riso.

PELEJA INUTIL

Quando ás vezes procuro um nome que resuma
O que sou? por que sou? por onde vamos indo?...
Se penso, não encontro o bello em cousa alguma:
Se não penso, acho mais ou menos tudo lindo...

Um som prende outro som, cobre a espuma outra espuma
De um grande sonho, como um vasto mar infindo;
Se irriquieto o abandono, e outro caminho scindo,
E' tudo arneiro, estepe, ou rocha, ou vento, ou bruma.

Por mais que eu clame a um deus, um deus qualquer que seja,
Para mudar da aranha o esqualido organismo,
Que baba os fios d'oiro em que o universo arqueja,

Nada: e torno a chamar: ninguem:—indago, scismo...
E largo de cansado a estupida peleja,
Tendo a um lado o mysterio e d'outro lado o abysmo...

O IDEAL E O REAL

Dois universos!... Um, o que dá forma e sonha
Nossa mente; abre, e rasga, e arqueia, e azula, e cria;
E esse outro, em que se inverna, essa cava medonha,
Que guarda uma illusão de cada extincto dia.

Um é obra gentil da varia phantasia,
Cheirosa, alegre, doce, esplendida, risonha:
Outro, a fome, a miseria, a lagrima sombria,
Onde escarra a traição a esqualida peçonha.

Quero o primeiro: esta alma ardente, anciosa, afflicta,
Delle, para viver, delle só necessita,
E tem só nelle luz, céos, olympos, que vêr.

Quando a taça de fel a angustia humana traga,
Não é pelo ideal, que nos faz rir e embriaga,
E' pela lucta amarga e austera do dever.

O MESTRE

Nas tardes de janeiro , o sol no occaso, á beira
Do mar inquieto e ondeando á doce luz do poente,
Parava Elle de olhar ás vezes de repente,
Como alguem que arfa e cae em meio da carreira.

Cego e surdo ao rumor da natureza inteira,
Na pallidez mortal de um marmore indiff'rente,
Parecia ter ido onde não vae a gente,
Onde jamais chegou vôo d'aguia altaneira.

Como quem surge após de um abysmo, trazia
Nesgas d'alva cantante e pedaços de dia
No olhar, na fronte; e um pouco em si de cinza e lava.

E nós: — Mestre, por lá, o que de novo achaste?
E elle erecto, bem como a flôr em cima da haste:
— Vi Prometheu no fim do céo: inda o escalava!...

TENTANDA VIA

Restam mundos a vêr... Eia, heroes. — Nau que brilhas
Dentro em mim, cae ruflando á mó de irmãs galeras:
Erguer ancoras, vá, alar! ás maravilhas
De um mar hirto de leões em fogo e estranhas feras!

Archipelago argenteo, esplendidas Antilhas,
Farelhões de rubins, lumaréos de crateras,
Alfaques de coraes, por entre vós flotilhas
De aureas palandras vão rodando como espheras.

Aproar... subir ao céo, rumo dessa obra prima:
Vamos de perto olhar quem a faz, quem a ordena,
Quem o abysmo no abysmo encrava, e o estende, e o anima.

Aos deuses!... Ao chegar bradaremos: A' scena...
E hemos vêl-os jogar os soes abaixo e acima,
Como besantes de oiro ás mãos de histriões na arena!

INDICE



INDICE

GRAVURAS

MARINHAS

Paginas

NUVENS E RAIOS

